COELHO NETTO

# COMPENDIO

DE

# Litteratura Brasileira

2.ª EDIÇÃO
(Revista e augmentada)

FRANCISCO ALVES & Cia
RIO DE JANEIRO
166, RUA DO OUVIDOR, 166
S. PAULO
65, RUA DE S. BENTO, 65
BELLO HORIZONTE
1055, RUA DA BAHIA, 1055

AILLAUD, ALVES & Cia
PARIS
96, BOULEVARD MONTPARNASSE, 96
(LIVRARIA AILLAUD)
LISBOA
73, RUA GARRETT, 75
(LIVRARIA BERTRAND)

1913

# COMPENDIO

DE

# Litteratura Brasileira

## OBRAS DO MESMO AUTOR

**Fructo Prohibido.** 1 vol. br. . . . . . . 2$000
**Rei Fantasma,** romance oriental. 1 vol. 3$000
**Bilhetes Postaes.** 1 vol. br. . . . . . . 2$000
**Miragem.** 1 vol br. . . . . . . . . . . . 2$000
**Seára de Ruth,** vol. da *Coll. Moderna.* 1$000
**Lanterna Magica,** vol. da *Coll. Moderna.* . . . . . . . . . . . . . . . . . . 1$000
**Montes e Valles.** 1. vol. da *Coll. Brasileira.* . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 1$000

## Em collaboração com OLAVO BILAC

**Contos Patrios.** . . . . . . . . . . . . . . 3$000
**Theatro Infantil.** . . . . . . . . . . . . . 2$[illegible]
**Patria Brasileira** . . . . . . . . . . . . . 3$000

COELHO NETTO

# COMPENDIO

DE

# Litteratura Brasileira

2.ª EDIÇÃO
(Revista e augmentada)

FRANCISCO ALVES & Cia
RIO DE JANEIRO
166, RUA DO OUVIDOR, 166
S. PAULO
65, RUA DE S. BENTO, 65
BELLO HORIZONTE
1055, RUA DA BAHIA, 1055

AILLAUD, ALVES & Cia
PARIS
96, BOULEVARD MONTPARNASSE, 96
(LIVRARIA AILLAUD)
LISBOA
73, RUA GARRETT, 75
(LIVRARIA BERTRAND)

1913

# IDÉAS GERAES

## § I

### Prolegomenos

A palavra — Litteratura — póde ser tomada sob accepções diversas, todas, porem, derivando do mesmo ideal de representação, como raios differentes partindo dum só nucleo, sempre exprimindo manifestações verbaes do espirito humano.

No sentido restricto : Litteratura é o conjunto de composições com que os homens de genio deixam, atravez do tempo, os traços indeleveis da marcha da Humanidade.

Se o progresso material avulta á flor da terra em construcções ephemeras, cria o conforto, facilita as relações entre os homens, o progresso intellectual, que se perpetúa em obras litterarias, nos poemas, nas composições lyricas ou didacticas, nas consubstanciações philosophicas, nos registros de sciencia e historia, subsiste transmittindo-se de

geração em geração, como um lume inflammado ao sol da primeira madrugada do mundo que, passando de seculo a seculo, cada vez mais irradia e fulgura.

O braço constróe, o espírito eternisa.

A Litteratura de um povo é o seu fundo tradicional. E' por ella que se chega ao conhecimento das origens, á intimidade do viver.

Assim como nos mostra o templo com todo o ritual do culto, introduz-nos no lar da familia. Leva-nos ás guerras, passeia-nos suavemente por entre as culturas fartas, nos campos arroteados que o lavrador percorre firmado á charrúa que sulca ; conta-nos a lenda maravilhosa das fontes e aponta-nos, por entre as arvores sagradas, o abelheiro que recolhe os favos.

Diz–nos como se laminava a espada, como se recobria o escudo, como se acobertava o corcel, como a matrona dobava a lan e como a donzella recebia o esposo.

Conta–nos a epopéa triumphal e murmura-nos o threno melancolico e, sem omittir episodios, gloriosos ou humilhantes, tristes ou jocundos, fala-nos das temerarias expedições por mares intratados ou atravez de desertos áridos, expõe-nos os celleiros abundantes desvela-nos os primores da Arte e, depois de

haver-nos guiado ao Tabernaculo conduz-nos piedosamente ás cryptas funerarias.

A Sciencia soccorre-se da Litteratura para restaurar os seus principios.

Dos hymnos gravados nos tijollos assyrios surgem formulas medicinaes, orações, exorcismos, abracalans e preces, conselhos e amavíos e toda a theogonia dos povos sumptuosos da Asia deslumbrante.

No *Livro dos mortos* e em outros papyros, que se vão lentamente decifrando, recolhe a Sciencia documentos preciosissimos sobre a vida dos egypcios nos tempos pharaonicos.

Homero é um guia seguro para as terras da Asia Menor, onde encontraram-se em combates gregos e troyanos; e a admiravel peregrinação de Ulysses é feita com a segurança e a precisão com que a faria um pratico.

Sahem constantemente da *Iliada* e da *Odysséa* monographias medicas, geographicas, sociologicas. Os alfagemes meditam sobre a tempera das armas forjadas por deuses; os estrategistas acompanham as evoluções das hostes, os artistas interessam-se com os pormenores dos costumes, os psychologos analysam as almas: a rebentina de Ajax ou a astucia de Ulysses, a jactancia de Heitor, a

tristeza de Cassandra ou a tranquillidade, quasi indifferença, de Helena fiando no gyneceu, ao troar das armas, ao retumbar da grita dos assaltantes e dos sitiados.

E a Sciencia rebusca revolvendo toda a obra poetica, desde a dos grandes aëdos até a dos ultimos lyricos que ainda cantam sobre as ruinas colossaes da decadencia hellenica. De quantos povos desapparecidos andam por ahi as tradições esparsas? « Nos psalmos attribuidos a David acham-se as formulas da velha raça de Akkad e ouve-se o éco das suas orações. »

Todos os grandes poemas são verdadeiras stratificações. Assim como ao lento evolver dos seculos se vão acamando madreporas que hão de surgir á flor dos mares incorporadas em ilhas, logo vestidas de verdura frondosa, com veios d'agua e antros acceitosos, assim tambem, na vida dos povos, os successos feitos de dores e prazeres, victorias e derrotas, abundancias e miserias, fastigios e catastrophes, crenças e desillusões, transmittindo-se nas almas, rebentam, um dia, de um espirito em forma inspirada de poema.

Assim, é a propria vida da raça que irrompe, é o passado que reage contra a morte e regressa em espirito para perpetuar-se. E só

resistem á acção destructiva do tempo os poemas sinceros, os que trazem o sello da vida e da verdade no que referem, no que traduzem, no que commentam e rememoram.

Na obra litteraria encontram-se todos os elementos que constituem a raça ou a nação — a terra, na descriptiva, com a sua riqueza e a sua formosura, amena ou agreste, tépida ou gelada; a lingua, na expressão, com o vocabulario forte ou meigo, rispido ou suave, sóbrio ou abundante; a tradição, com a lenda dos velhos tempos e os factos dos dias recentes; a religião, os costumes e, sobre taes bases, o assumpto pairando como uma ave a cantar na verde ramagem florida do tronco que sobe vigoroso da terra, abrindo alegremente a fronde do sol. Os povos communicam-se intimamente pelas respectivas litteraturas — é o contacto das almas.

Quanta vez, olhando o ceu nocturno, deixamo-nos enlevar no brilho de uma estrella! Buscamos-lhe o nome e elle se nos depara em epitaphio: é um mundo destruido — delle existe apenas o clarão que nos chega de seculos remótos, atravez da morte, como nos chegam poemas e hymnos de povos desapparecidos.

A Litteratura, sendo a Luz da Historia, a claridade precursora de todo progresso, impõe-se ao espirito como complemento necessario da perfeita instrucção. Alem de esclarecer incidentes de valía, não raro apenas indicados pelo historiador na pressa do discurso, pela sua natural tendencia a buscar o perfeito, sempre orientando-se pelo ideal, desperta, accentúa o gosto pela forma, compellindo a procurar a expressão mais conveniente, o verbo mais adequado, o adjectivo mais preciso, a combinar os vocabulos de modo que se não prejudiquem produzindo hiatos e cacophonias, e caprichando em preferir os termos aferidos pelos mestres, fugindo, tanto quanto possivel, aos barbarismos que, sobre afearem a composição, ainda deixam suspeitar descuido ou ignorancia. Se a grammatica disciplina, os escriptores apuram. Não basta possuir o conhecimento da syntaxe, é preciso ter o trato dos classicos, certa intimidade com elles para adquirir o rythmo, saber afinar a sonoridade, temperar a côr, dar a cada representação a intensidade conveniente, imprimir, emfim, o cunho artistico que torna o escripto suave e deleitoso.

A Litteratura não faz poetas nem romancistas, mas póde fazer escriptores cultos e sem-

pre corrige e prepara o espirito para apprehender as bellezas.

Dantes os que se dirigiam para a Sciencia desdenhavam os estudos litterarios, tendo-os por inuteis, até entendiam que não ficava bem a um medico, a um engenheiro, a um jurista entreter relações intellectuaes com poetas e novellistas que só vivem arroubados em ficções.

Hoje, porem, se não todos, a maioria dos que escrevem faz garbo em aprimorar-se e os mais substanciosos livros de sciencia, os compendios technicos são actualmente escriptos em linguagem estreme, em forma, não raro, artistica, tornando-os agradaveis ao leitor.

Em todo o lavor do espirito a Litteratura é indispensavel como polimento e recamo. Ella torna a idéa mais viavel e dá ao estylo a graça que seduz, emprestando á exposição do mais abstruso problema, da mais espessa doutrina um encanto mysterioso.

Nem se excuse ao seu cultivo o que se encaminha para o commercio, esse mesmo terá necessidade de falar e de escrever e, recorrendo ás memorias litterarias, nellas achará a suggestão da phrase, o soccorro necessario á eloquencia da carta e á clara

redacção do que pretender reclamar ou expôr.

A Litteratura não faz litteratos, mas prepara o espirito para sentir e comprehender o Bello e, só com acompanhal-o, estimula-o a aperfeiçoar-se com a ancia de entrar com ella no caminho da perfeição.

## § II

### A critica.

A Critica foi, a principio, a sombra da obra d'Arte, hoje é a sua analyse, um laudo. Começou pelo contorno, seguindo as sinuosidades da linha exterior, agora aprofunda. Antes de tocar no thema dirige-se ao local, transporta-se ao tempo em que se desenvolve a acção, acerca-se dos elementos coexistentes, refaz o « meio » e vê se o autor foi fiel na justaposição, se não trahiu a verdade historica, conseguindo o perfeito equilibrio no tempo e no espaço ; isto quanto ao que poderemos chamar, com Hegel, a expressão externa.

Para a analyse subjectiva — como toda a obra é o reflexo do seu autor — sonda a alma do artista, pesquisa-lhe o moral, busca-lhe a philosophia, inquire-lhe as intenções. De posse de taes elementos dá a equação exacta do valor da obra — mostra-lhe as qualidades e os defeitos, a summa de substancia e os vicios : destroe o erro oppondo-lhe a verdade.

A Critica nada tem que ver na concepção : o seu fim é mostrar o que ha de bello ou de util, applaudindo ou condemnando, não corrigindo.

Ha para a propria Loucura uma razão de ser. A Critica analysa o que encontra. A obra d'arte é como a Natureza. Ninguem, contemplando uma paisagem, dirá : « Ali ficava melhor o sulco de um valle ; um lago daria grande belleza áquelle fundo agreste. Aquelle arvoredo é demasiado sombrio ». Admira ou passa indifferente. Assim deve proceder a Critica com a obra d'arte.

« Quaes são, com effeito, os caracteres essenciaes do critico ? E' preciso que, sem parcialismo, sem opiniões preconcebidas, sem idéas de escola, sem compromissos com familia alguma de artistas, elle comprehenda, distinga e explique todas as tendencias as

mais oppostas, os temperamentos os mais contrarios, e admitta as mais diversas pesquisas d'arte. »

A Critica tem hoje os seus processos regidos pelo criterio scientifico — os seus reagentes chamam-se — a philosophia, a historia, a philologia, etc. Devem-se á Critica Litteraria muitas das mais sorprehendentes descobertas, que tanta luz têm trazido aos conhecimentos humanos.

Ella é que abre o caminho ao philosopho, ella é que prepara o terreno para o historiographo. Faz o trabalho dos mineiros que descem ás profundezas mais absconsas onde vão procurar o filão sinuoso que ora rebrilha, ora desapparece remergulhando na terra, reencarnando-se na pedra.

Um facto que, á attenção menos cuidadosa e habil, passa despercebido, é um indicio de valor para o critico. Lança-se por elle, segue-o, acompanha-o em todos os meandros : se o perde não descorçôa e prosegue com afan, certo de que o ha de rever adiante.

E, sem deixar de parte o meio ambiente, lá vai, sempre attento, annotando, comparando, até alcançar a verdade desejada.

Hoje a verdadeira Critica tem fóros de sciencia — é a Chimica das abstracções.

Assim como o hermeta vê na gotta d'agua limpida uma composição complexa, um microcosmo estranho, num periodo, ás vezes num simples nome, lançado, a correr, numa pagina, descobre o critico o bastante para determinar precisamente uma epocha, um facto.

A Critica litteraria não é, pois, a simples relação da obra d'arte com louvores e apódos cotados á margem, é a analyse exacta d'uma creação do espirito. Assim é a Critica de Taine, na *Historia da litteratura ingleza*, assim é a Critica de Hennequin; assim a entendem os inglezes e os allemães que refazem pacientemente o passado só com o auxilio do que encontram palpitando, como seres vivos, nos poemas eternos da Humanidade.

## § III

### Historia litteraria. — A raça.

Historia litteraria é o conjuncto de factos da vida intellectual de um povo desde as primeiras manifestações até o completo desenvolvimento da sua Litteratura, estudando os

elementos da sua formação e as causas da sua decadencia.

Na Historia de qualquer Litteratura devemos considerar os factores originaes internos e os factores originaes externos, se quizermos adoptar a classificação de Spencer ou, como os denomina Comte, os elementos *staticos e dynamicos*. Nos primeiros estão incluidos a raça, a tradição, a lingua e a nacionalidade ; nos segundos as grandes individualidades e a influencia das litteraturas estrangeiras.

**A raça.** — « A designação de *raça*, segundo Prichard, comprehende todas as collecções de individuos que apresentam, mais ou menos, caracteres communs, transmittidos pela hereditariedade, pondo de parte e de reserva a origem d'esses caracteres. »

A *raça* tem a sua differenciação ethnica, distingue-se pela sua maior ou menor capacidade de acção, pela sua energia, pelos seus habitos proprios.

O *meio* influe no individuo estimulando-o ou enfraquecendo-o. Os homens das regiões frias e agrestes, constrangidos á lucta constante, são de uma resistencia robusta, reforçados para a hostilidade ; os que residem sob climas amenos, onde a vida é facil, são

naturalmente languidos, despreoccupados.

Deslocando-se como os aryanos quando, opprimidos na estreitesa do *gard*, começaram o movimento de expansão, as raças levam comsigo, com os seus deuses, com as suas armas, com os seus utensís, toda a tradição e os costumes que se vão modificando ao contacto de outros povos, sob a influencia de outros climas, como se modificam as especies vegetaes transferidas de uma para outra região.

O encontro de duas raças, como se deu na Grecia, com a invasão semitica, na Britannia, com os celtas, na Iberia com os carthaginezes, os wisigodos, os arabes, etc. produz sempre uma radiação de idéas — são novas fontes de poesia que jorram, é a tradição fecunda que desabrocha em lendas mais suaves, são os habitos que se affeiçôam a outros misteres, é a mesma religião que perde a sua ferocidade e torna-se mais espiritual como succedeu na Gallia com a influencia de Roma que foi repellindo o druidismo sangrento para as florestas bravias, transformando as aras de pedra bruta em altares de idolos onde, pouco depois, os missionarios do christianismo abriram os Evangelhos e appozeram a cruz.

As raças são productos de adaptação, que se modificam pela mudança conservando sempre o fundo tradicional na alma e os caracteres physicos assignalando a sua origem.

## § IV

### A tradição.

A *tradição*, essa persiste resistindo a todos os embates, é a propria alma das raças, a sua semente espiritual que se multiplica em lendas, em poesia perpetuando os primeiros sonhos. Os povos trazem-na dos dias mais obscuros e transmittem-na como um espolio sagrado.

No homem mais requintadamente civilisado subsiste latente, adormecido, o germen das superstições primévas, o terror do mysterio, esse mêdo inapagavel que nos leva a buscar, com ancia, uma explicação para os phenomenos que fogem á nossa intelligencia.

No sabio que pesquiza, no philosopho que inquire e investiga trabalha a velha alma assombrada do troglódyta que olhava espan-

tado para os espaços azues buscando explicar a vida superior dos astros ou, encolhido no andito da caverna, apertando a empunhadura da maça de silex, ficava a escutar o marulho das aguas, o frondejar do arvoredo, attribuindo o rumor que vinha pela treva á lucta dos espiritos errantes que foram os seus primeiros deuses.

Toda a nossa lyrica, as imagens expressivas da nossa poetica, as analogias de que nos servimos nas diversas formas litterarias, as representações scenicas, as festas campestres com que celebramos a florescencia das arvores ou datas religiosas, as cerimonias domesticas dos esponsaes, dos baptisados, das vigilias funebres, as orações e os passes com que conjuramos molestias, as nóminas e amuletos com que nos congratulamos á entrada do anno novo são vestigios do tradicionalismo immanente, a memoria da infancia do Homem que se não esvai, antes parece ganhar mais alento com o passar do Tempo como na saudade dos velhos vivem as reminiscencias dos dias infantís.

E' o deslumbramento do primeiro homem em face da natureza exuberante e formosa que ainda mantem o pantheismo.

A nossa aspiração religiosa é filha do ter-

ror divino das idades tragicas. A tradição é, para as raças, o que foi para o homem biblico o sopro divino : a eternidade no ephemero. Passam as migrações para a morte — a tradição fica ao de cima do tumulo.

## § V

### A lingua.

A linguagem de um povo é o patrimonio maior da sua intelligencia. Accumulada, como um thesouro, durante o curso dos seculos, crescendo na razão directa do progresso, torna-se o caracter mais accentuado de uma nacionalidade.

As linguas procream, progridem, estacionam, abastardam-se ou desapparecem.

O clima, o meio, as condições de vida são elementos poderosos para o seu progresso.

Os povos fracos, sem capacidade de resistencia, como não defendem o seu territorio, não reagem contra a invasão de uma linguagem estrangeira — acceitam-na e, passivamente, acompanham o vencedor exprimindo-se no idioma adventicio, esquecendo o vocabulario

original que, recuando, batido, vai formando dialectos rusticos, deixando apenas, em palavras vagas, um ligeiro vestigio da vida que teve.

A lingua só se fixa pela escripta–assim é a Litteratura que a eternisa. Apezar da memoria prodigiosa dos rhapsodos pelasgicos e dos *file* irlandezes, que conseguiam decorar trezentas e cincoenta historias, que eram poemas, que saberiamos nós do passado dos povos que possuiram taes cantores se a escripta não houvesse conservado as suas declamações e os barditos oraes?

Foi, principalmente, por ser lingua escripta e disciplinada que o latim impoz-se aos povos vencidos. Além de ser mais communicativo, prestando-se a soccorrer quem o falava, não só entre os dominadores como ao longo das terras por elles avassaladas, trazia um contingente copioso de vocabulos e mais facilidade de expressão.

A lingua portuguesa, como as suas collateraes romanicas, é um producto do latim com a influencia de elementos diversos, desde a lingua que primitivamente se falava na peninsula antes da dominação, a dos varios povos que luctaram pela posse da terra e de expressões tomadas a differentes idiomas

que soffreram as differenciações impostas pelo genio verbal do povo.

Sobre a formação das linguas romanicas escreve o erudito philologo Adolpho Coelho:

« E' no periodo que vai da queda do imperio do occidente até ao desapparecimento das linguas romanicas como linguas escriptas, que o latim vulgar, já em todas as bocas, porque o latim litterario se tornava inintelligivel fóra do pequeno circulo dos lettrados, se differencia profundamente no espaço e no tempo : é então que as divergencias dialectaes, iniciadas, sem duvida, desde a primeira implantação do latim vulgar nas diversas provincias romanas, se produzem independentemente, segundo regiões, por effeito da scissão do imperio, das differenças entre os povos barbaros nelle estabelecidos e da organisação varia dos seus estados.

Mas não foi de um salto que as linguas romanicas chegaram a apresentar as feições com que as vemos nos seus monumentos escriptos, todas as modificações que se operaram foram o resultado de um trabalho lento, de accumulações successivas, comquanto a sua marcha não fosse igual nem em todas as partes, nem em todos os tempos. Ainda depois de chegarem a ser linguas es-

criptas têm continuado a experimentar até hoje alterações successivas. E é mister ter sempre em vista que a differenciação dialectal do latim não foi um simples processo de decomposição, como se suppõe muitas vezes, mas que o processo de producção, de creação, embora á custa de elementos preexistentes, está sempre em actividade. »

As linguas romanicas ou novilatinas são: o *valachio* ou *rumeno*, unico dialecto romanico do imperio do Oriente, falado na Valachia e na Moldavia, em grande parte da Hungria e da Bessarabia. Conta tres dialectos: *daci rumeno, macedi-rumeno* e *istri-rumeno*.

« Julgou-se, durante muito tempo, que o *rumeno* representava o latim dos colonos enviados para a Dacia no tempo de Trajano; mas julga-se provado que os rumenos são os descendentes dos povos barbaros, parcialmente romanisados, que occupavam as regiões do imperio, situadas entre a Grecia e o Danubio. Os rumenos que habitam os paizes correspondentes á antiga Dacia immigraram para lá, ao que parece, só no seculo XII ou XIII da era christan. Uma fracção de rumenos vive ainda nas montanhas da Macedonia. »

O *rhetico* ou *ladino* falado ao norte da

Italia na zona que vai do Rheno ao Adriatico.

O *italiano*, dividido em varios dialectos dentre os quaes se destaca o Toscano, que é o dialecto litterario.

O *provençal* ou lingua d'*oc* um dos dialectos do sul da França, comprehendendo o *gascão*, o *provençal* propriamente dito e o *limosino*.

O francez, ou lingua de *oïl*, falado na França desde os limites que o separam do *provençal*.

O *franco provençal*.

O *hespanhol*, comprehendendo grande numero de dialectos. O *catalão*, o *gallego* e o *vasconço* são, por muitos philologos, considerados dialectos independentes.

O *portugues*, que tambem apresenta grande variedade de dialectos, classificados por Leite de Vasconcellos em :

1.° *Continentaes*, abrangendo: 1.° o *interamuense* ou de Entre Douro e Minho; 2.° o *transmontano;* 3.° o *meridional*, do sul do Mondego até o mar e 4.° o *beirão*.

2.° *Insulanos*, comprehendendo o *açoriano* e o *madeirense*.

3.° *Ultramarinos*, de que fazem parte o *brasileiro* e os dialectos crioulos subdivididos.

por sua vez, em dialectos africanos (de Cabo Verde, Guinée, S. Thomé do Principe) e indicos falados em Ceylão e costas occidentaes da India.

No brasileiro concorre ainda, além dos neologismos, grande numero de expressões africanas e indigenas (1).

## § VI

### A nacionalidade.

E' pelo concurso instructivo de ideaes e interesses, pela solidariedade como meio de alliança e defeza reciproca, que um povo se condensa filiando-se aos mesmos principios, guiando-se pela mesma norma, regendo-se pela mesma lei, reunindo-se em torno do mesmo altar.

A terra em que se estabelece torna-se um bem commum — é nella que vivem e tra-

(1) *Sobre a origem e formação da lingua portugueza, ver a grammatica de João Ribeiro (Curso superior, 3° anno).*

balha, é nella que encerra os seus finados. A arvore e o tumulo, as lavouras e os cemiterios, os templos e o casario são marcos de posse com que um povo fixa o seu dominio no territorio.

Os dias correm, as sementeiras alastram, medram as pasturas, multiplicam-se as aldeias, surgem as cidades, a vida torna-se mais vigorosa e intensa, as riquezas começam a aguçar a cubiça e accendem-se as guerras. O egoismo dos individuos congrega-os : a defeza da terra é a defeza dos lares, a fronteira é o limiar da casa, o exercito é a representação da força domestica : cada batalhador vai pelo seu campo, pela sua familia, pelo seu gado, todos representam a terra invadida, são a sua muralha viva.

São depois as sortidas arriscadas, é uma heptere que veleja, é uma nau que abre o panno aos ventos, é uma caravella que arrosta o desconhecido. A maruja leva os olhos suspensos do symbolo nacional — o navio é um pedaço da terra patria que fluctua nas aguas, é uma nesga do paiz que se vái, mar em fóra, á conquista.

E, na victoria ou na derrota, cantando em coro o mesmo hymno ou soffrendo unidos os mesmos tormentos, os homens fraternisam

em torno do mesmo sonho, do mesmo idéal, da mesma saudade — a patria.

A Grecia, á volta de Troya, une-se—os feudos congregam-se em nação. Foi de um tumulo : Alesia, que sahiu a Gallia unida; foi depois de Ourique que Portugal constituiu-se em nação.

A Litteratura é o registo da vida de um povo, é a certidão da sua nacionalidade: ella não reflecte o pensamento de um individuo, mas o da communidade.

Como o rio que corre espelha todo o arvoredo acenoso, todas as construcções que lhe ficam á margem, o ceu limpido ou turbado, ella traduz o sentir dos homens, refere os seus feitos, grava as suas victorias, lamenta os seus desastres.

Tanto maior é o progresso de um povo quanto mais brilhante é a sua Litteratura e os factos grandiosos da vida de uma nação acham sempre uma voz que os repercute.

O seculo de Péricles foi o do esplendor litterario e artistico da Grecia; a Renascença teve o seu triumvirato na Italia, com Dante á frente, ainda envolto na tóga dos antigos, sahindo sombriamente da noite tragica da idade media. Camões é a synthese de toda a

gloria maritima de Portugal — é o grande seculo da nação.

Os povos sem Litteratura, ainda os mais gloriosos, somem-se na Historia. Os phenicios, navegadores do mar antigo, valem mais pelo alphabeto do que pelas riquezas de Tyro e Sidon. Os carthagineses vivem no monumento da victoria romana: é ao clarão do incendio arrazador que Carthago apparece na noite dos tempos. « Não possuir uma litteratura é a morte, possuil-a má, frenetica, depravada ou de plagiato perpetuo ou de parolagem senil é o signal hippocratico que annuncia a agonia proxima (1) ».

(1) Philarete Chasles.

## § VII

### As grandes individualidades.

Sobre estes elementos dynamicos assim se exprime o professor Theophilo Braga :

« Antes da concepção mechanica dos phenomenos do universo teve Blainville a luminosa idéa de applicar aos phenomenos biologicos a distincção entre *staticos* e *dynamicos* como a expressão mais completa das condições de existencia; o orgão apto para exercer-se é o elemento *statico* assim como a funcção é o estado *dynamico* dependente do anterior.

Augusto Comte, applicando esta mesma distincção aos phenomenos sociaes, considerou a ordem como a base *statica* da existencia social, assim como o progresso nas suas transformações simultaneas o effeito dynamico do seu aperfeiçoamento.

Como um producto social a Litteratura participa d'esta dupla condição de existencia; ella tem uma parte *statica,* permanente e alheia á intervenção individual : taes são a

*raça*, a *lingua*, a *tradição* e a *nacionalidade ;* são, por assim dizer, o organismo em que se elaboram as funcções ou creações litterarias.

O elemento dynamico é a vontade individual, é o espirito ou personalidade do artista, que sabe achar a justa relação entre as emoções geraes contidas nesses factores, e a expressão caracteristica e propriamente sua. Todas as vezes que se não sentir este cunho individual não existe obra de Litteratura.

A phrase formulada por Fred. Schlegel da relação indispensavel entre o escriptor e o povo: — « A separação absoluta dos sabios, do vulgo e do povo é o maior obstaculo aos progressos intellectuaes de uma nação » — a dependencia necessaria da actividade intellectual do meio social para que ella se torne uma aberração pathologica, como o presentira Mackintosh, exprimem esta solidariedade das condições de existencia revelada nos termos de *statico* e *dynamico*. O genio da raça, o fio da tradição, as formas da linguagem, a aggregação nacional estão fóra do alcance das mais poderosas individualidades; são, porém, o thema da emoção commum a que o escriptor ou o artista dão a expressão que só elles acharam no seu modo de sentir individual.

Os maiores genios são aquelles que mais profundamente representam uma civilisação, porque condensaram na sua obra todos esses elementos *staticos;* estudada nos seus processos a obra prima é a que mais assenta sobre as bases ethnicas e tradicionaes. »

Em todas as Litteraturas ha os grandes typos representativos, verdadeiros symbolos fixos, que caracterisam epochas de maior relevo, momentos de vida mais intensa. São as fontes de onde decorrem os veios eternos, onde se purifica a linguagem desde os tempos mais recuados, respigando nas Litteraturas, encontram-se, dominando as medianías, os vultos soberbos dos condensadores.

Partindo de Homero, com toda a sua synthese, primeira cumiada da cordilheira humana, porque as outras abrumam-se em nevoas de lendas, encontram-se, em toda a parte, os altos cimos avantajando-se superiormente á massa dos poetas menores — são os tragicos, são os lyricos da Grecia, são os poetas do cyclo de Augusto, em Roma, são as grandes figuras asceticas do christianismo no Oriente e no Occidente.

E' Dante com o seu sequito na Italia, é o genio dos barbaros impondo-se pelos seus bardos e scaldos, são, finalmente, Chaucer,

rompendo a dominação espiritual dos normandos, na Inglaterra; é Shakespeare com a formidavel turba de dramaturgos inglezes, é Rabelais, é Montaigne, é Camões, todos augustos, avultando na tradição, abrindo caminho atravéz da lingua ainda imperfeita, dando-lhe mais viço, mais energia e trazendo a flux a eterna vida das raças.

Sobre a influencia das individualidades estrangeiras a demonstração impõe-se pelo facto sensivel. As litteraturas inspiram-se reciprocamente. Ha um igual sentir, um mesmo ideal que se communica, atravéz do espaço, de homem a homem, fecundando os espiritos como o pollen errante fecunda a flor.

Hoje, principalmente, todos os sonhos da Humanidade concentram-se na mesma intenção, o espirito converge para o mesmo intento. Faz-se o unisono, o canto harmonisa-se em um só hymno universal; o que dá ainda um destaque ás litteraturas é o fundo tradicional, não falando no idioma em que cada uma é trabalhada.

Ainda assim ha um desejo, considerado, por emquanto, utopia, da uniformisação da linguagem em um só idioma — o esperanto — que seja a lingua litteraria do mundo, espe-

cie de thesouro commum em que todas as raças depositem as suas riquezas, conservem as suas tradições. E' uma torre de sonho levantada contra Babel.

A disciplina das linguas tem sido feita pelos grandes escriptores — os chamados « estylistas » (1). A grammàtica regista e coordena as regras formulando-as de accordo com o regimen litterario imposto pelas grandes individualidades, que fizeram a colheita verbal e a depuraram com o gosto.

---

(1) *Estylo* é o sentimento de cada escriptor, a maneira propria de exprimir a sua intenção, com um cunho forte de individualidade.

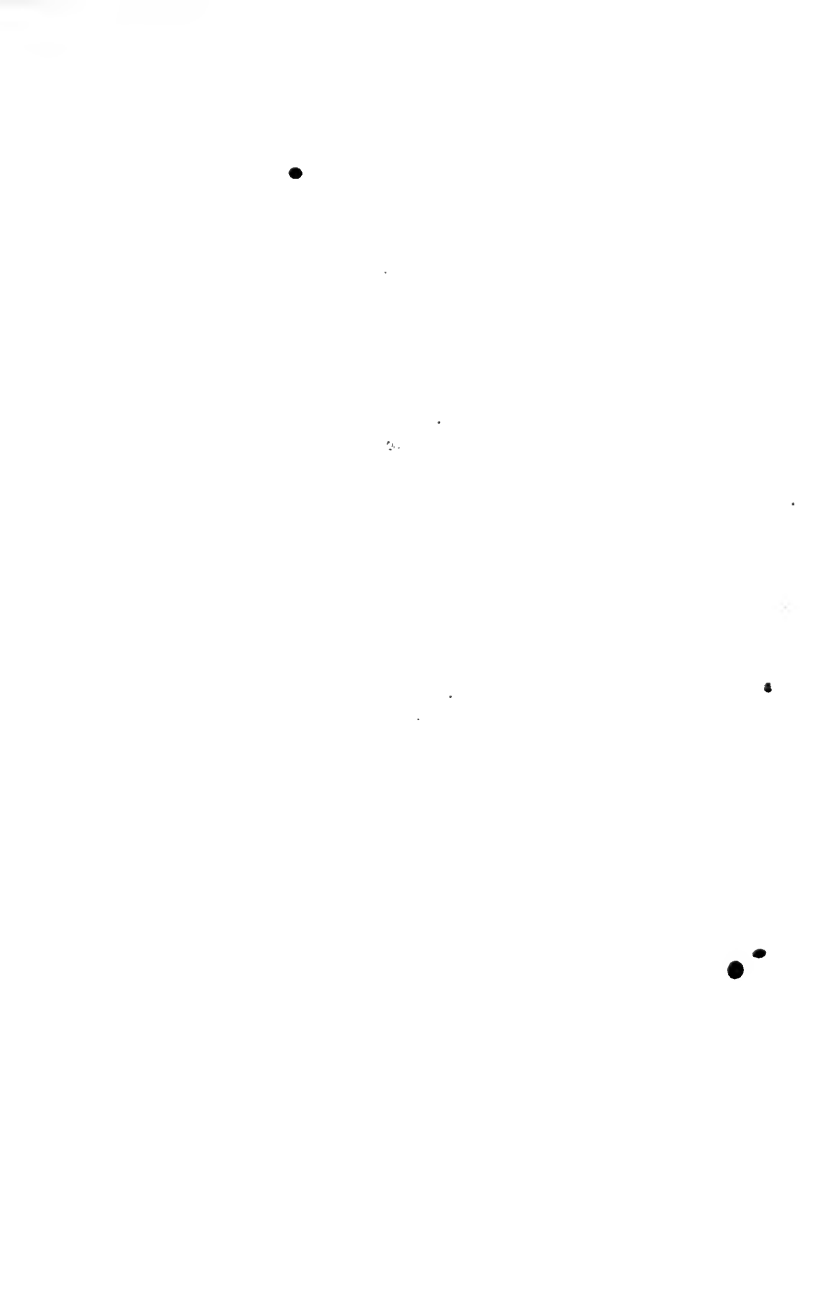
Assim o definiu Camillo Castello Branco : « E' a concepção das idéas, manifestada em formulas visiveis e transmissiveis; é a luz exterior reflectida da luz interna. E' ainda, em sentido menos lato, a escolha harmoniosa das palavras, congruentes á elevação ou simplicidade do assumpto. Que é mais o estylo? E', a physionomia distincta da obra, do autor, do assumpto, do paiz, e do seculo, E', finalmente, o que ahi ha menos material na arte de escrever. »

*Fórma*, é o revestimento artistico da phrase, em um copioso, excessivo; em outros simples, sobrio, empregando sempre o vocabulo preciso, unico, no dizer de Flaubert, que traduz a impressão e a transmitte ao leitor. E' mais difficil ser simples com precisão do que abundante com sobrecarga — não é o excesso de tintas que dá o colorido exacto — é a pincelada justa.

*Estylo* é alma, *forma* é corpo. Insisto para corrigir a confusão frequente que fazem com as duas expressões.

A grammatica é apenas a codificação das leis e a prova mais eloquente e forte d'este asserto é o progresso das linguas, reagindo contra todos os entraves que lhes oppõem os aferrados aos principios, tão archaicos como as palavras que, por inuteis, cahindo em desuso, são logo substituidas por termos que baptisam novas idéas e novos inventos.

Ficar na prisão absurda das regras é estacionar em ambito limitado. As leis nascem das necessidades — são marcos que fixam conquistas. A grammatica é a historia das linguas e, como a historia dos povos, deve avançar, dilatar-se com a evolução.

# Litteratura Brasileira

## Primeiros tempos.

A terra é vasta e graciosa. O seu porte avantajado de giganta não lhe compromette a belleza, porque tudo nella é proporcional. O seu clima temperado, sem os rigores intcirigantes dos asperos invernos, sem as insolações dos torridos estios desmente os dizeres de mau grado com que os desaffectos procuram depreciál-o, dando-o como insupportavel e mortifero.

Se alguns chronistas da primeira epocha quizeram menosprezal-a, outros — e entre elles o suave Anchieta — exaltaram-lhe a riqueza, a amenidade e os primores.

Em tão acceitoso meio o homem, a principio, não poude gozar tranquillamente a hospedagem, já porque a nostalgia da patria lhe abrumava o coração, e ainda porque a grandeza, a mesma exuberancia da terra tornavam-se-lhe em hostilidades.

Olhando em torno via o estupendo espectaculo de uma natureza nova e pujante, tão differente dos quadros de miseria que deixara além.

A selva encerrava-o na escuridão dos seus ramos folhudos, os rios não discorriam em sereno deslise como os minguados ribeiros vadeosos da sua terra: rolavam caudaes e alargavam-se tanto que as margens eram, por vezes, orlas azuladas.

As cachoeiras precipitavam-se d'alto, retumbantes, como se o proprio ceu as despejasse. Os valles eram profundos, os lagos immensos, as cavernas inpenetraveis á falta de ar e da luz.

O aborigene, posto que recuasse, não cedia facilmente o terreno e, sempre que achava occasião propicia, irrompia perfidamente ou com furiosa bravura, ao rouco estrondar de instrumentos barbaros, assaltando os aldeiamentos dos colonos.

A féra, a seu turno, espalhava o terror nos pequenos povoados e, não raro, o que sahia pelas trilhas, ao sol, nellas ficava picado pela serpe venenosa.

As noites eram de pesado e terrifico silencio. Ás vozes da natureza juntava-se a acusma do terror.

Nuvens de mosquitos cercavam os estrangeiros, insectos enormes acudiam ao clarão dos fógos.

Por vezes era a reunião attonitamente dis-

persada pela arremettida de uma cobra que, rompendo da floresta, com chocalhar trepidante, arrojava-se ao brasido e, ás espadanadas, silvando, cascavellando, desbaratava a lenha, ficando, quasi sempre, a estorcer-se, moribunda sobre as derradeiras brasas.

A necessidade de reciproca defesa conjugava os homens. Entre os reinóes já existiam selvicolas apresados que serviam passivamente como escravos. Os brancos mais curiosos estudavam-lhes a lingua e, á noite, nos serões melancolicos, o peninsular, recordando a patria saudosa, cantava as alegres trovas, as endeixas, as serranilhas, repetia as historias maravilhosas, as lendas fantasticas da Idade Média.

O indio, acocorado a um canto, espreitando os espiritos da floresta, os genios errantes da selva natal, resmoneava os seus cantos que o *lingua* interpretava ou, mais intimo, accedendo ao convite e com interesse no engodo dos brancos, narrava as fabulas selvagens, os seus mythos, as traças subtis dos animaes espertos, as origens mysteriosas das aguas, de certas plantas; as suas guerras, os seus amores.

As duas raças que se encontravam confundiam as suas tristezas — á saudade do lusi-

tano respondia a melancolia do selvagem: um pensava na aldeia para o sempre, talvez, perdida, nas festas alegres, nos vinhedos, nos trigaes, nas aves, em tudo que havia deixado; o outro, obrigado a seguir um senhor, captivo na propria patria, ouvindo, a todo o instante, a voz mysteriosa que o chamava do fundo da brenha, sentindo o arôma forte dos bosques e dos campos em flôr, deixava-se morrer de pura saudade, cantando baixinho, e com lagrimas tristes, os feitos dos seus maiores e as maravilhas do seu paiz.

Outra raça devia aportar, em breve, para ajuntar-se ás que já povoavam o paiz — a tirada da Africa. Outra agonia.

Os negros chegaram, não como homens que viessem gostosamente installar-se no paiz novo, explorar-lhe a riqueza, fertilisal-o com o trabalho sereno e espontaneo, mas como animaes trazidos á força, ou melhor, como galés lançados em presidio e condemnados á pena eterna do trabalho, destituidos de todo sentimento.

A alliança dos tres grupos melancolicos foi-se fazendo aos poucos, em amores brutaes, sem estimulo passional, e, entre esses desherdados, andava o jesuita prégando, baptisando,

com a cruz alçada e o nome de Jesus nos labios.

Dos outros povos, que fizeram uma curta demora entre nós, não restam vestigios. Franceses, hespanhóes e hollandeses não conseguiram chegar á alma do paiz, nella só penetrou a tristeza das duas raças adventicias — o branco de Portugal e o negro d'Africa.

Diz muito bem João Ribeiro « ...nas suas feições e physionomia propria, o Brasil, o que elle é, deriva do *colono*, do *jesuita* e do *mameluco*, da acção dos *indios* e dos *escravos negros* » (1).

Se quizessemos procurar as primeiras manifestações litterarias no paiz, teriamos de seguir os padres contemplativos da Companhia de Jesus : Navarro, Anchieta, poetisando na solidão, em lingua tupy, infiltrando na alma barbara a suave religião de que eram os representantes; teriamos de visitar os primeiros *collegios* dos jesuitas e de contentar-nos com as informações, verdadeiras logographias, de Luiz da Gran, Fernão Cardim, Gandavo e Gabriel Soares.

---

(1) João Ribeiro — Historia do Brasil, curso superior.

Sobre a nossa evolução espiritual falou excellentemente, em synthese admiravel, Capistrano de Abreu. Transcrevo da erudita *Memoria* de Sylvio Romero sobre a *Litteratura Brasileira,* publicada no primeiro volume do *Livro do Centenario,* as claras palavras do notavel historiographo cearense :

« A evolução da litteratura brasileira se me antolha feita assim : — No primeiro momento o paiz é descripto por viajantes estrangeiros e moradores, mais ou menos incertos da sua permanencia na terra, tambem estrangeiros. É o tempo de Nobrega, Anchieta, Gandavo, Gabriel Soares, Cardim, Lery, Thevet, Hans-Staden. É o Brasil do seculo XVI.

Existem indecisões ao lado de vagas esperanças. O europeu despreza a terra e os seus naturaes selvagens.

Surge após o que se poderia chamar a primitiva escola pernambucana. O paiz já é descripto por moradores estaveis e por filhos da terra e não mais por *touristes.* É um tempo de enthusiasmo nascente; o brasileiro christão começa a apparecer, a crescer e a aspirar.

Bento Teixeira com a sua *Prosopopéa,* o autor desconhecido dos *Dialogos das Gran-*

*dezas do Brasil*, Frei Vicente do Salvador com a *Historia do Brasil*, Diogo Lopes de Santiago, com a *Historia da Guerra Hollandesa*, são a manifestação deste espirito, que já indica um principio de distincção entre brasileiro e europeu, considerado ainda bem alto o ultimo em face do outro. É o Brasil dos seculos XVII e XVIII até o descobrimento das minas.

Surge por esse tempo o phenomeno estranho de Gregorio de Mattos, que despreza tanto ao brasileiro, quanto ao portugues, dando-lhes uma especie de balanço pessimistico, singularmente curioso. Com o descobrimento das minas, o Brasil é considerado o primeiro paiz do mundo.

Rocha Pitta na *Historia da America Portuguesa*, Botelho de Oliveira, a *Academia dos Esquecidos*, o autor da *Chronica dos Mascates* cantam em todos os tons os portentos e maravilhas unicas da terra.

O filho do paiz julga-se mui gran coisa, sem ainda pretender supplantar os europeus.

Desde ahi o brasileiro accentua-se; apparecem pelos tempos proximamente seguintes os estudos nobiliarchicos de Taques, Borges da Fonseca, Lourenço do Couto e Jaboatão. E o tempo da nobreza da terra, do branco

filho do paiz : o brasileiro genuino é esse nobre da America.

Reinam as illusões patrioticas e o portugues tem desmerecido de importancia.

Mais tarde, pouco mais tarde, dá-se outro passo decisivo : o *indio* é poetisado e o brasileiro genuino é-lhe equiparado. É a phase da *nobreza indigena*, é o tempo da escola mineira, da Independencia, seguido de perto da morte do classicismo e do advento da éra romantica. Nesta, desde o primeiro momento, o optimismo augmenta; o brasileiro suppõe rivalisar com qualquer povo europeu.

Magalhães, Porto Alegre, Gonçalves Dias dão-se *ares de Europa* no Brasil. Portugal já não é o centro das idéas; a França toma a dianteira. No segundo momento romantico, sob a influencia da navegação directa a vapor, as idéas generalisam-se, accentuam-se mais e com Alvares de Azevedo, Lessa, Macedo e Alencar a influencia francesa reforça-se e a portuguesa afoga-se quasi completamente. O brasileiro, supposto igual ao europeu, julga-se o primeiro povo da America.

No ultimo momento do romantismo, com a guerra do Paraguay, problemas politicos e sociaes varios, novos ideaes philosophicos, abre-se um periodo de reacção pessimistica,

e Tobias Barreto tenta arrancar-nos da influencia franceza, mostrando na Allemanha o modelo a seguir. É escassamente ouvido, dando-se uma especie de revivescencia do influxo portugues e da acção franceza, ao lado de outras correntes alienigenas.

Morre o romantismo sob a acção de um pessimismo geral; ninguem mais acredita na superioridade do brasileiro diante de outros povos quaesquer, e Sylvio Romero procedendo na *Historia da Litteratura Brasileira* a uma especie de balanço ethnographico, tem chegado á conclusão de ser o genuino brasileiro pura e simplesmente o *mestiço* physico ou moral. Tal o caminho e o resultado final da evolução em quatro seculos. »

Neste estudo synoptico ha o perfeito traçado da marcha da intelligencia brasileira. Desde os primeiros dias o producto do cruzamento das raças tristes foi um « imaginativo ».

A natureza mysteriosa e opulenta, a vida aventurosa e arriscada, as historias fartas de maravilhoso com que eram amenisados os serões, as cantigas dolentes de amores desventurados, villancicos peninsulares ou monodias barbaras dos negros banzeiros ou dos indios nostalgicos, tudo concorria para fazer do homem um merencoreo.

A principio nas incursões temerarias, em *entradas*, em *bandeiras* que afundavam corajosamente nos sertões bravios, depois a vida patriarchal nos campos lançando as primeiras sementes, espalhando os primeiros rebanhos, as luctas constantes com o incola, as represalias sanguinolentas contra os mandões reinoes, iam, a mais e mais, tornando a gente taciturna.

Com a descoberta das minas cresceu a fortuna, mas a vigilancia redobrou e o filho da terra sentiu ainda mais a virga ferrea da dominação.

A vida forçava violentamente as barreiras que se lhe oppunham, numa necessidade forte de expansão, o governo, porem, sempre receioso, ameaçava-a com a força, intimidava-a com exemplos de castigos crueis — os carceres regorgitavam.

Roldas de dragões cruzavam as estradas ermas, embrenhavam-se nas mattas, vingavam ás grimpas, desciam aos algares dando caça ao garimpeiro ; *bandos* oppressores eram publicados e o povo humilhava-se sem energia, sem força para a reacção.

Os mais abastados mandavam os filhos para a metropole receber educação condigna, os pobres contentavam-se com uns rudimen-

tos que aprendiam nas escolas rusticas, emquanto os pais lavravam ou bateiavam. Só em meiados do seculo XVIII, no governo de Bobadella, installou-se a primeira officina typographica que, ainda assim, teve de suspender os trabalhos por ordem do governo geral.

Todas as manifestações espirituaes resentiam-se do absolutismo dos governadores de então — a industria procurava, com esforço, impor-se; o commercio não tinha independencia, as artes eram desconsideradas.

A educação — e até bem pouco tempo ainda era assim — era feita mais pelos escravos do que pelos pais ou preceptores.

O pequeno era amamentado pela ama negra, com ella sahia, d'ella aprendia as primeiras palavras adulteradas.

Nas immensas cozinhas de grandes fornos de barro onde, á noite, assentava-se, em circulo, toda a escravatura conversando, ás vezes conspirando, o pequeno ouvia as historias tenebrosas contadas pelas velhas negras.

« No contacto perenne de nossas familias influiram os negros profundamente no caracter nacional por meio de seus habitos, de suas usanças, de suas predilecções, de

suas lendas, de seus cantos, de suas tendencias psycologicas.

Os entendidos vêm logo a perspectiva immensa que esses factos abrem para o lado da alma nacional. E sem difficuldade percebem como a influencia africana inoculou-se na indole brasileira desde os primeiros alvores da nossa formação. As pretas eram as amas de leite e de criação dos filhos dos colonisadores europeus desde 1550.

Não é preciso juntar mais nada para se comprehender esse phenomeno que, noutro livro, chamamos — o *mestiçamento moral*, ao lado do mestiçamento physico, que se ia, desde então, dando tambem em larga escala (1) ».

Do mestiçamento moral temos uma forte prova nas sobrevivencias fetichistas que tão funestamente influem no espirito do nosso povo.

A superstição que, ao dizer de Tylor, é um phenomeno de sobrevivencia, reversão ou atavismo psychico, consiste na manifestação, em pessôa de cultura elevada, dos sentimentos religiosos de povos inferiores.

---

(1) S. Romero e João Ribeiro — Compendio de Historia da Litt. Brasileira — p. XLIX.

Na « alma » de todo brasileiro a Africa deixou cahir a gotta de veneno que subverte o moral escravisando-o passivamente ao terror fetichista. Ainda hoje, apezar de toda a empafia philosophia, as « casas de fortuna » não são apenas procuradas pela ralé — ao lado do negro boçal encolhe-se, estarrecida e crente, a dama elegante e o homem, abarrotado de Voltaire, a reçumar aphorismos, faz côro com a farandula grotesca no delirio sabbatico das evocações.

Do genio peninsular veiu o germen do nosso lyrismo saudoso que se desenvolveu no meio propicio da nossa natureza, tão cheia de encanto, tão cheia de mysterio, impregnando-se da melancolia creoula e da tristeza negra.

Ás vozes soturnas do africano annunciando espiritos perseguidores, sortilegios maleficos, respondia, como um echo, a tradição indigena com as suas mãis d'agua, os seus numes florestaes, as suas aves presagas e os prestigios dos seus pagés.

Entre esses dois tenebrosos oraculos, o peninsular fazia apparecer, como um oasis, o encantado jardim das fadas, com a suave magia dos seus philtros, dos seus amavios, o poder dos seus talismans, a guarda fulgu-

rante e alada dos seus genios, o canto das aguas douradas, o revoar de cysnes brancos que eram principes.

Era a Idade Média que concorria com o seu dote e a nova raça, como os filhos dos reis dos contos, era recebida no berço pelas tres fadas — duas tristonhas, uma maravilhosa, todas filhas do mesmo Terror, que gerou os deuses.

Com tal adubo, que se podia esperar se não o que temos, um povo de imaginação exaltada, supersticioso e aventureiro : impulsivo como o indio, resignado como o negro, d'arremettida como os ousados varredores do mar, descobridores de mundos, que foram a gloria do seculo XV e do começo do seculo XVI?

Os homens que Portugal despachava para o Brasil não primavam pela limpidez do caracter nem pela cultura. Vieira, que os descreve, não póde ser taxado de suspeito.

Os costumes resentiam-se da mescla humana e da licença que havia porque, desde que se não lesasse a fazenda real, tudo mais as autoridades deixavam correr sem sentença, entendendo que não valia a pena perder tempo com tão ruim villanagem.

O que se deu com a lingua latina nas colo-

nias, como referem os escriptores, deu-se com a portuguesa no Brasil.

Ella era o centro, mas em torno d'ella agrupavam-se as expressões alienigenas. Cada qual concorria com o seu vocabulo nomeando este ou aquelle objecto ou, por difficuldade de dicção, procurava abrandar o termo vernaculo, dando-lhe outra fórma, tornando-o, por vezes, incomprehensivel.

Aqui era a designação africana, ali a expressão indigena.

Nas salas o portugues mantinha-se puro, da copa por diante o africano ia impondo a sua lingua nos utensis, nas iguarias; lá fóra, na terra, nas aguas dos rios, o indio conservava as denominações primitivas e as tres linguas viviam assim em limites perfeitamente traçados, até que se foram confundindo em hybridos dialectos, como os que se encontram em cantos populares em que apparecem as tres linguas concorrendo á mesma intenção poetica.

Acceitando a divisão, hoje corrente, da litteratura brasileira em 3 periodos, vamos por ella, abreviadamente, como convem á medida d'este compendio. São elles :

1.° de formação (1500 a 1700)

2.° desenvolvimento autonomico (1750-1830)

3.° o romantismo e a revolução naturalista (1830 até hoje).

# Formação

## O SECULO XVII

Nas palavras do professor Capistrano de Abreu, transcriptas na primeira parte d'este trabalho, vêm referidos os nomes dos primeiros poetas e chronistas do seculo XVI.

Os poetas foram os missionarios que se abalsaram corajosamente em incursões ousadas, levando a palavra evangelica á gente selvagem.

Navarro e Anchieta foram, sem duvida, os mais notaveis. Homens de imaginação e de acção, submettiam as tribus, davam-lhes governo, levavam o indio ao trabalho, procuravam despertar na alma barbara os nobres sentimentos humanos e, prégando o amor, a fraternidade, a misericordia, iam abrandando os impetos bravios, domando os instinctos crueis, corrigindo os costumes e impondo a moral christan.

Nas horas, poucas, de repouso, deixando a cabana que habitavam, com a necessidade, que tem todo o homem, de solidão e silencio, arredavam-se do aldeiamento e iam meditar no recesso da floresta ou á beira do mar e, ás arvores ou á onda, diziam as palavras suaves do seu extase, a confissão das suas saudades ou compunham poesias mysticas glorificando o Creador de tanta belleza e grandeza.

Os nossos primeiros poetas, como os primeiros do mundo, foram sacerdotaes e entoaram hymnos.

Na India aryana elles cantavam enlevadamente diante de um altar de pedras toscas, no cimo da verde collina, á luz do sol. Aqui o altar era a brenha vasta, era a dilatada praia, era a barranca alcantilada do rio, era a cumiada da serra; e o poeta, em vez de provocar o lume com os madeiros sagrados, elevava-os em fórma de cruz em cujos braços, mais luminosa que a propria claridade, fulgurava a imagem suppliciada do nazareno.

Quantos outros poetas mysticos se não perderam nas abstrusas selvas, assaltados pelo indio ou pela fera ou tolhidos pelas molestias que os prostravam!

Quantos não entraram cantando louvores

e não acabaram abalsados nos labyrinthos invios da grande floresta virgem!

Os chronistas annotam, descrevem o que vêm, o que soffrem; uns deslumbrados com a belleza da terra, outros achando-a agreste, intratavel e o gentio verdadeiramente bronco. São elles Gandavo, Gabriel Soares, o jesuita Fernão Cardim, de Vianna do Alemtejo, que andou em missões pelo Brasil e foi, mais tarde, provincial da sua ordem, deixando uma « *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica pela Bahia, Ilhéos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo,* etc.

Gabriel Soares, colono estabelecido na Bahia, escreveu o encomiastico *Tratado descriptivo do Brasil em 1587*. Lery, Thevet e Hans Staden legaram-nos descripções preciosas da terra e do incola.

Nos fins do seculo, Bento Teixeira Pinto, chefe da chamada — escola pernambucana — dava ao prelo a sua *Prosopopéa*.

Se houve quem o acompanhasse, ignora-se : o seu nome figura isolado (1).

---

(1) Capistrano de Abreu nega que tenha sido Bento Teixeira Pinto, que naufragou com Jorge de Albuquerque em 1565, autor da *Prosopopéa*, dos *Dialogos das grandezas do Brasil* e da *Relação do naufragio* de Jorge de Albuquerque. E affirma : O Bento Teixeira da *Proso-*

A poesia popular, sempre viva, ia semeando os germens que deviam rebentar mais tarde no lyrismo sentimental.

Em começos do seculo XVII apparecem os *Dialogos das grandezas* do Brasil, um dos livros mais notaveis dos tempos coloniaes, de autor desconhecido. Sylvio Romero attribue-o a « algum colono intelligente de Pernambuco, uma especie de Gabriel Soares d'aquellas paragens. »

Nesse seculo, predominando em Portugal a influencia dos alcandorados culteranistas, era natural que d'ella se resentisse a colonia. Houve, porém, um paradeiro que se lhe oppoz, senão destruindo-a, ao menos atteenuando-a : foram os collegios jesuiticos. Os jesuitas mantiveram-se fieis á regra antiga do culto dizer e as suas aulas da Bahia, do Rio de Janeiro e de Olinda eram verdadeiros protestos contra o desamor pelo vernaculo que espantosamente crescia na metropole.

Para honra e gloria de taes collegios basta o nome de um alumno : Antonio Vieira, o estupendo prégador que, ainda aos oitenta annos, com amoroso cuidado e requintado

---

*popéa* é outro individuo, não acompanhou Jorge de Al buquerque, não escreveu a *Relação* nem os *Dialogos* e sim pura e simplesmente o poemeto.

melindre, polia, recennava os seus admiraveis sermões.

Camillo Castello Branco, referindo-se ao eloquente e glorioso padre de Jesus, diz :

« São os sermões do padre Antonio Vieira uns riquissimos minerios do mais fino ouro pelo que respeita á linguagem. Ninguem reuniu em poucas paginas tantas palavras rubricadas pelos mestres que o precederam.

« As opulencias que Vieira additou á prosodia constituiriam o idioma portugues no alto ponto das linguas mais ricas, se já então houvessemos entrado em communhão de sciencias com a Europa, e tivessemos adaptado á nossa indole glottica os termos facultativos.

« O seu modo de adjectivar é irreprehensivel; a propriedade do epitheto é nelle tão original que a não podemos derivar de Camões nem de Barros. Esplende-lhe do genio, bafeja-lh'a a ironia, o sarcasmo o quer que fosse de mais avançada cultura, em um meio social de mais complicadas paixões.

« Quem se votasse á agradavel tarefa de colher palavras e phrases nos sermões de Vieira, desenredando-as do sarilho vicioso em que elle as envencilhava, formaria um florilegio, um bastantissimo vocabulario e

selecta prosodia para exercicios de primorosa escripta. Porém, com tamanha e tão variada opulencia de côres o padre Vieira deleitava-se em pintar a caricatura da eloquencia sagrada.

« Por nos servirmos da sua propria phrase em um sermão, Vieira *acarretava textos das Escripturas,* levantava conceitos, *jogava de vocabulos,* tecia engenhosos sophismas, e rematava umas conclusões tão alheias dos principios, que o auditorio pasmava da solercia do orador como das peripecias imprevistas de uma comedia de Alarcão. »

E, adiante, accrescenta o mesmo critico : « Nenhum dos seus sermões espira calor de piedade communicativa. Aquelles transportes são concertados com os tropos : está-se vendo o buril da rhetorica a abrir os relevos das metaphoras. O coração está frio, o espirito attento, e o sorriso ás ordens de um desfecho de estalo, de um equivoco lardeado de empolas, d'uma pantomima de vozes jogada entre duas palavras simulcadentes.

« O estudioso de vernaculidade assombra-se e estuda-o com delicias; o prégador que hoje quizesse imital-o seria irrisorio.

« Teve imitadores que desceram a infima relaxação a oratoria sacra. Os sermonarios

do seculo XVII, que pejam as livrarias sahidas dos conventos, provam que não ha gráu determinado para a baixeza da arte corrompida ».

Nas *Cartas* usa de um estylo mais desartificioso e espontaneo, por isso mais ao sabor dos doutos e dos verdadeiros cultores do vernaculo, como o autor das *Noites de insomnia* que d'ellas diz que « representam o genuino talento do grande escriptor e são exemplares de classica litteratura. »

Frei Vicente do Salvador, autor da *Historia do Brasil,* é tambem outro producto dos collegios jesuiticos.

Da escola chamada bahiana destaca-se, com estupendo resalto, como um typo de excepção, Gregorio de Mattos, appellidado pelo povo o « *Boca do inferno* ».

Poeta de grande mordacidade, satyrico por temperamento, foi um vivo e permanente protesto contra todos e contra tudo. Na metropole, chafurdando na devassidão da côrte, vibrou o azorrague com violencia e do seu golpear a tagante ha o poema satyrico : *O Marinicolas*, que é um modelo de sarcasmo e de salacidade.

Passando-se para a Bahia, soffreu a influencia da obnubilação, como bem diz Araripe Junior. A natureza venceu-o, empol-

gou-o e fez desabrochar na estrumeira a flôr do lyrismo de que nos ficaram amostras delicadissimas.

Collocado entre o licenciado e o frade, cercado pelo negro que o entontecia com o seu fortum e pela mestiçagem languida, o poeta debatia-se vibrando a satyra, como um ouriço que se defendesse arrojando as suas agulhetas — a todos feria com o mesmo odio, com o mesmo asco.

Não era por patriotismo que verberava, mas por desdem natural, julgando-se incompativel com a gente que via em torno.

Os que tem pretendido estudar o caracter excentrico d'esse homem unico não chegam a completar os lineamentos — é positivamente um phenomeno.

« Um notabilissimo canalha, eis o que elle era », diz Araripe; e, mais adiante, chama-lhe « fauno ».

Casando, foi um marido detestavel e no fim da vida, reduzido á miseria, o primeiro poeta satyrico da America deambulava sordidamente pelas ladeiras da Bahia, de violão em punho, cantando, como um capadocio, as proprias trovas que a sua Musa perversa lhe ditava.

Posto que houvesse surgido em um tempo

em que as obscenidades, todas as composições fescenninas eram cotadas em muita estima, Gregorio de Mattos não foi um suggestionado — a satyra era sua feição propria, era a sua expressão : nasceu dicaz e, no genero, foi ao extremo da pornographia e da maledicencia sem, todavia, deixar de dar provas de um estro lyrico primoroso. Foi um genio satanico.

Como em Portugal enxameavam o mercado as narrativas chamadas de cordel, deviam ter ellas passado ao Brasil, muitas trazidas na memoria dos que vinham tentar fortuna na nova terra.

São restos d'essa litteratura de occasião as historias que ainda hoje contam as velhinhas, esses venerandos repositorios da tradição nacional, das viagens por mares arriscados, das conquistas de ilhas deslumbrantes, dos naufragios em costas desertas onde surgiam bandos de macacos que rausavam as mulheres e enterravam os homens nos areaes adustos, deixando-lhes apenas a cabeça á flôr do solo, para que morressem de morte lenta e dolorosa, vendo o soffrimento e o opprobrio dos seus parentes e sentindo arder-lhes o sangue ao fogo vivo do sol.

São reminiscencias do *Naufragio de Se-*

*pulveda* e de outros casos compilados por Bernardo Gomes de Brito na sua *Historia Tragico Maritima*.

As trovas marujas da *Chegança*, da *Náu Catharineta* e outras são sobrevivencias d'essas leituras e d'esses racontares do velho tempo.

O theatro, de autos, puramente mystico, deu-nos esses mysterios ingenuos tão amados do povo — do Natal, de Reis, de S. João e de S. Pedro : verdadeiras representações com scenarios, personagens, musica.

O dialogo é, por vezes, dramatico; não raro contem allusões ligeiras de uma critica sem maldade, e o verso é sempre preferido, mantendo-se a redondilha popular.

Se nas grandes cidades já difficilmente encontram-se essas reliquias suaves do tradicionalismo, ellas subsistem no campo, principalmente no Norte onde ainda não se deu a absorpção da alma brasileira, onde ainda conservam-se, quasi puros, os legados ingenuos do Passado.

Lá é que os respigadores devem ir procurar o material para o *Folk-lore* brasilico porque, não sómente o que era regional persiste como, por um phenomeno de sympathia, o que havia de original no resto do Brasil pa-

rece haver refluido para lá, levado, talvez, por essa gente viajeira que percorre, cantando, as longas estradas sertanejas que cruzam todo o paiz.

É dos claustros que sahem os grandes oradores do seculo, todos mais ou menos alcandorados, procurando alcançar o grandiloquo de Vieira sem que nenhum, porém, chegasse á sua sombra.

Os mais notaveis foram Euzebio de Mattos, Antonio de Sá, Roberto de Jesus e Manoel da Madre de Deus.

Nesse seculo de grande actividade desenvolveram-se as explorações — o homem, que a auricidia impellia a todas as aventuras, não media difficuldades, não attendia a receios e lançava-se afoitamente terras a dentro, desbravando florestas, galgando montes, vadeando riachos, subindo os rios á procura das ocáras onde tinham certa a presa.

As *bandeiras* succediam-se abrindo caminhos diversos na terra virgem.

Os espectaculos sempre novos iam captivando o conquistador e o filho da terra começava a orgulhar-se do berço, a sentir uma certa vaidade de haver nascido em tão luxuriante paiz. O Brasil impõe-se e os louvores de Sebastião da Rocha Pitta na sua *Historia*

*da America Portuguesa* e as palavras de Antonil, pseudonymo de João Antonio Andreoni, mostram que a depreciada colonia começava a merecer maior attenção, vencendo o desprezo em que a tinham chronistas (1) e simples colonos que a davam como terra sáfara e inhospita, ingrata para o hospede que nella se installava.

---

(1) Não se estende a todos a accusação. Os missionarios afinam no mesmo concerto de louvores, Gandavo, o mestre-escola entre Douro e Minho, amigo de Luiz de Camões, no seu *Tratado da terra do Brasil* e na *Historia da provincia de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*, entre outros elogios confere-lhe o seguinte:

« Este vento da terra é mui perigoso e doentio; e se acerta de permanecer alguns dias, morre muita gente assi portugueses como indios da terra, mas quer Nosso Senhor que aconteça isto poucas vezes; e tirado este mal, é esta terra mui salutifera e de bons ares, onde as pessoas se acham bem dispostas e vivem muitos annos, principalmente os velhos têm melhor disposição e parece que tornam a renovar, e por isso alguns se não querem tornar ás suas patrias, temendo que nellas se offereça a morte mais cedo. »

Gabriel Soares, o enthusiasta, não contém a sua admiração. O proprio padre Simão de Vasconcellos, apezar do seu azedume e do odio encarniçado aos indios « os semi-capros, os faunos » deixa-se arrebatar pelas bellezas que vê e todo o seu máu humor converte-se em arroubo e são dignas de leitura as suas palavras sobre a fertil e graciosa colonia.

Assim as opiniões eram contrabalançadas e, para um maldizente, havia sempre dois ou mais encomiastas.

## Desenvolvimento autónomo

### O SECULO XVIII

No seculo XVIII, posto que Camillo Castello Branco houvesse protestado contra a « vaidade honesta, mas injudiciosa de classificarmos como escriptores brasileiros áquelles que haviam nascido na terra da colonia » começou verdadeiramente o movimento litterario entre nós.

A figura que, com mais vulto, apparece é a de Antonio José da Silva, o Judeu.

Nasceu no Rio de Janeiro a 8 de Maio de 1705 e era filho do advogado João Mendes da Silva e de D. Lourença Coutinho, de cujo consorcio vieram ao mundo tres filhos: André Mendes, Balthazar Rodrigues e Antonio José.

Era nos dias funestos da oppressão do Santo Officio e a caça aos judeus constituia,

não direi um expurgo, como faziam constar os padres da Companhia, mas uma rapinagem em nome de Deus para accrescimento da fortuna dominicana.

« As familias que mais soffreram foram sempre as mais abastadas e aquellas que podiam deixar, pelo confisco, as riquezas que a humildade christan vesgamente invejava. »

A familia do advogado, assim como muitas outras, foi obrigada a embarcar para Lisboa onde D. Lourença Coutinho, accusada de judaismo, ficou sob as vistas da Inquisição.

O pequeno Antonio José começou a sua educação em Lisbôa, passando depois a Coimbra onde foi estudar Canones. Nem isto o acobertou das suspeitas de judaisante. A 6 de Agosto de 1726, já então advogava em Lisbôa com o pai, foi preso e recolhido aos carceres da Inquisição sendo submettido a supplicio. Livrou-se solto depois de abjurar e fazer voto de fé-christan.

Fervia-lhe no cerebro a inspiração e, aproveitando a relativa tranquillidade e os lazeres da advocacia, escreveu as suas primeiras peças ou operas.

O theatro portugues, que subira tão alto com Gil Vicente e Antonio Ferreira, decahira

salazmente nas farças dos *corros* ou *pateos*, dos quaes são ainda citados o das *Fangas da farinha*, o da *Bitesga* e o das *Arcas*.

A comedia nacional desapparece supplantada pela imitação servil do hespanhol. E' d'esse atascal que rompe a figura de Antonio José com as suas operas.

Escriptas ao sabor do povo sem, todavia, fazerem praça do jargão marujo ou da calaceira algaravia da farandulagem, as peças do Judeu não eram simples arremedilhos, mas verdadeiros quadros onde se reflectiam os costumes da epocha, nos quaes a satyra fulgura mostrando, em lampejos, vicios das instituições e ridiculos dos homens.

O publico, que affluia ao seu theatro, não lhe regateava applausos; muitos, porém, dos que sorriam mal disfarçavam o despeito sentindo-se das allusões que deviam, mais tarde, ser cobradas com a usura das chammas.

Accusado de novo no Tribunal do Santo Officio foi justiçado a 18 de Outubro de 1739.

« Emquanto lhe preparavam a morte, diz João Ribeiro, soavam la fóra os applausos da sua ultima comedia do *Precipicio de Phaetonte*. » Tinha 34 annos de idade.

A obra dramatica de Antonio José consta das peças : *A vida do grande D. Quixote*, a

*Esopaida ou vida de Esopo*, os *Encantos de Medéa*, o *Amphitrião*, o *Labyrintho de Creta*, as *Guerras do Alecrim e Mangerona*, as *Variedades de Protheu* e o *Precipicio de Phaetonte*. « E ainda : *O diabinho da mão furada*, accrescenta João Ribeiro, e a comedia cuja authenticidade ainda não se poude cabalmente averiguar — a *Nympha Siringa*, mas que por todos os caracteres externos deve ser composição do nosso poeta (1). »

A febre das academias litterarias em que ardia o reino passou, por contagio, á colonia que reflectia, em tudo, a vida da metropole. Assim appareceu a *Academia dos Esquecidos*, na Bahia, durando de 1721 a 1725 patrocinada pelo vice-rei, conde de Sabugosa, tendo por principal escopo o estudo da historia do Brasil. Um dos seus membros de mais prestigio foi Sebastião da Rocha Pitta.

No Rio de Janeiro, em anno que se presume ter sido o de 1733, por iniciativa do medico Saraiva, fundou-se a *Academia dos Felizes*.

A dos *Selectos* (1752) na mesma cidade

(1) O Theatro, de Antonio José, edição popular.

reuniu os homens mais illustres em honra do governador Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella.

A dos *Renascidos* (1759-1760) foi creada na Bahia pelo vice-roi, conde d'Arcos.

A *Academia Litteraria* (1780) foi fundada no Rio de Janeiro por José Basilio da Gama e Ignacio José da Silva Alvarenga, sob o apanagio do vice-rei conde de Rezende e do bispo D. Joaquim.

Este cenaculo, que se dispersou por se haver tornado suspeito ao conde de Rezende, congregou em seu seio, além de Domingos Caldas Barbosa, todos os grandes poetas da brilhante escola mineira.

Do mesmo seculo são os estudos nobiliarchicos de Taques, Borges da Fonseca, Lourenço do Couto e Jaboatão. Alexandre de Gusmão, irmão do mallogrado *Voador*, natural de Santos, que, doutorado em Coimbra, exerceu o cargo de secretario particular de D. João V, celebrisou-se mais do que pelos versos, pelas suas cartas, de aguda critica e exacta observação. D'elle escreveu Camillo : « para quem antepõe estudos sociologicos a perluxidades linguisticas, o secretario de D. João V excede Antonio Vieira e D. Francisco Manuel de Mello. »

O descobrimento das minas impulsionou extraordinariamente a vida brasileira.

A terra, livre do Jesuita, que Pombal expulsara, tornou-se o feudo dos aventureiros. A immigração cresceu — chegavam levas sobre levas e, mal pisavam a terra, logo, em ancia de fortuna, mettiam-se para o interior em demanda dos celebrados veios.

O sonho conduzia a ambição e, em jornadas sem repouso, atravez da braveza das terras, lá iam os auricidas em rumo a Minas, apontada como uma região maravilhosa, onde os rios carreavam diamantes sobre areias de ouro, desde que a primeira pepita appareceu a flor do solo e o diamante achado no Tijuco refulgiu aos olhos dos homens avidos.

## A escola mineira.

« O espirito do seculo XVIII na historia geral dos povos é quasi exclusivamente politico. Do livre exame na religião fôra-se passando á analyse das formas tradiccionaes do governo da sociedade. « Um principio unico deste seculo, diz um historiador, domina os demais e é o da *humanidade*, o dos direitos do homem, da Justiça social e o amor da felicidade do genero humano. »

Os seus sabios são os economistas ou os philosophos do racionalismo, mais politicos que naturalistas; os seus grandes nomes na litteratura são Rousseau, Voltaire e Montesquieu, e os encyclopedistas. Os proprios reis submettem-se ao espirito novo; é então a era do *despotismo esclarecido,* dos soberanos que praticam as idéas dos philosophos, Frederico II, na Prussia; Catharina II, na Russia; José II, na Austria; pratica sobretudo resumida no desprezo da religião e no escarneo das antigas tradições á custa das quaes esses mesmos soberanos se mantinham.

Era o perfeito despreso da historia e nada escapava á furia contra tudo que tivesse por

si a antiguidade e a tradição. Toda essa agitação intellectual, revolvendo as entranhas da velha sociedade, produziu a revolução de 1789.

Antes d'esse grande successo, porém, já um povo da America, consubstanciando em formulas politicas os direitos naturaes do homem, havia sacudido o jugo europeu e realisado a democracia sonhada pelos philosophos.

Em 1776 o Congresso de Philadelphia declarava solemnemente que todos os homens eram iguaes e entre os seus direitos inalienaveis contavam o da vida, liberdade e trabalho pela propria felicidade e bem estar; e quando um governo não servia á esses fins o povo tinha o direito de abolil-o.

O grande acontecimento achou, em toda parte, universal applauso e sobretudo, secretamente, no coração de todos os americanos que soffriam ainda o jugo do absolutismo colonial. Repercutiram, pois, no Brasil essas idéias generosas de liberdade (1). »

Foi em Minas que mais se fez sentir o jugo ferreo dos dominadores — as jazidas do solo previlegiado tornou-os avaros da fortuna

(1) João Ribeiro, *Historia do Brasil*, p. 231.

maravilhosa e, no receio de serem lesados pelo povo humilde, que affluia cubiçoso aos sitios dos *descobertos*, defenderam os thesouros da terra com os mais apertados e vexatorios *bandos*.

O mestiço, ao mesmo tempo que se resente do trato affrontoso, revolta-se contra a usurpação dos bens patrios vendo sahir para o Reino, em numerosos cargueiros, o ouro dos seus rios e as gemmas dos seus penhascos.

Para viver tinha o palhegal de um rancho onde, não raro, alta noite, paravam os dragões das rondas ou os beleguins appareciam fariscando quilombolas.

A antipathia aggrava-se em odio separando hostilmente as duas raças. Se os mestiços não repellem á mão armada o portugues, resmungam contra as exacções e defendem-se reciprocamente — o garimpeiro, arrincoado nas serranias, tem uma sentinella em cada sertanejo.

As prisões regorgitam, chusmas de presos atravessam os caminhos carregados de ferros, multiplicam-se as picotas, o ferrete ignominioso rechina nas carnes.

E os dragões abalsam-se em caçadas ao garimpeiro, varejam casas, devastam culturas, assaltam comboios. O odio cresce, começam

as represalias, ferem-se as primeiras escaramuças, travam-se combates sanguinosos.

Os *contractadores* vivem faustosamente, não raro, porém, o fisco ganancioso entra-lhes pela fazenda e redul-os á miseria e ainda os condemna como aconteceu ao rico Felisberto Caldeira Brant, senhor do ouro, que acabou miseravelmente no Limoeiro, amaldiçoando Lisbôa quando a viu estrebuchando na convulsão do terremoto.

Mas o sopro de independencia, que passava pelo mundo varrendo a tyrannia, aluindo thronos e bastilhas, devia chegar até nós.

Brasileiros que ouviram dos proprios labios dos grandes humanistas as palavras que abalarem fundamentalmente a sociedade quizeram applical-as ao Brasil... Eram sonhadores e, trazendo a semente, lançaram-na a mancheias antes de haverem preparado a terra onde devera medrar. Um só homem sahiu por elles — era um simples, representante genuino do povo, conhecedor do seu soffrimento, testemunha dos seus opprobrios.

Esse, porém, colhido nas tramas da perfidia, foi o martyr da idéa e, em torno da sua figura apparece, como um apostolado, o grupo dos poetas que se recommendam pelo estro e pelo ideal patriotico constituindo esse escol

de lyrismo e de epopéa que se congrega na historia litteraria sob a denominação de — *Escola mineira* :

A poesia epica teve dois representantes : José Basilio da Gama e Frei José de Santa Rita Durão.

O primeiro nasceu em 1740, na antiga villa de S. José d'El-Rei, hoje cidade de Tiradentes, em Minas. Foram seus pais o capitão mór Manuel da Costa Villas Bôas e D. Quiteria Ignacia da Gama, pertencentes ás principaes familias da capitanía mineira.

Cedo perdeu o pai correndo-lhe a infancia amargurada.

Diz a tradição que um religioso franciscano trouxe-o ao Rio de Janeiro matriculando-o nas aulas da Companhia de Jesus. Reconhecendo-lhe o talento os mestres decidiram tomal-o para a Ordem e affirma-se que chegou a usar a roupeta de noviço.

Com o golpe pombalino ficou, de novo, desamparado, recolhendo-se ao seminario de S. José, no Rio.

Mais tarde passou a Roma obtendo collocação em um seminario, onde leccionou e poude concluir os estudos. Tornou-se, em breve, conhecido por suas composições poeticas e por estudos litterarios que publicava

sob o pseudonymo de *Termindo Sipilio*, com o qual figurou na *Arcadia Romana*.

Voltando ao Rio de Janeiro, onde já não encontrou os seus antigos protectores, um dos quaes era o brigadeiro Alpoim, tornou-se suspeito ás auctoridades por vir de jesuitas. O marquez do Lavradio, em obediencia á ordem de Pombal, ordenou a sua prisão remettendo-o para Lisbôa onde foi submettido a um *Tribunal de inconfidencia* que o desterrou para Angola.

Salvou-o a musa inspirando-lhe formoso epithalamio com que celebrou as nupcias de D. Maria Amalia, filha do Marquez de Pombal.

Grato ao poeta, de cuja innocencia convenceu-se, o Marquez recompensou-o, não só cassando a sentença de desterro, como nomeando-o official supra-numerario da sua Secretaria.

Assim amparado poude elle dar largas ao seu estro escrevendo grande numero de odes, sonetos e o poema *Quituba*, celebrando o heroismo de um regulo africano que pelejara pelos portugueses contra Hollanda, começando, então, o seu poema *Uruguay*.

Breve, porém foi o prazo de ventura.

Com a morte de D. José e a queda de

Pombal desceu o poeta do assento que lhe fôra dado. Tendo atacado os jesuitas estes moveram-lhe guerra acirrada, accusando-o de ingrato que se esquecera do muito que devia á Ordem. Defende-o do apôdo o seu liso procedimento com o Marquez de Pombal — ainda depois da queda do famoso ministro : quando todos rancorosamente alludiam ás suas violencias elle enaltecia-lhe o merito e, com desassombro, apregoava-lhe as virtudes. Tornando ao Rio de Janeiro fundou com Manoel Ignacio da Silva Alvarenga a *Arcadia Fluminense,* que foi patrocinada pelo vice-rei Luiz de Vasconcellos.

Succedendo-lhe no governo o conde de Rezende, que em tudo farejava conspirações e tramas, poz termo á instituição prendendo Silva Alvarenga.

Intimidado regressou Basilio da Gama a Lisbôa, onde morreu a 31 de Julho de 1795 sem o conforto que merecia, sendo o seu corpo sepultado na egreja do extincto convento da Bôa Nova de Belem.

Deixou grande numero de composições poeticas, mas o que lhe dá prestigio ao nome é o poema *Uruguay*, em estylo epico, realçado de encantadoras descripções da nossa natureza.

Já nelle apparece a musa brasileira — não é uma adaptação portuguesa, uma suggestão d'alem, é o primeiro hymno á terra, o canto glorioso levantado do seio da Patria, envolvendo no esplendor do seu sol, na grandeza magnifica da sua flora, em toda a opulencia da terra exúbere um episodio da historia.

Sente-se nelle palpitar o instincto da Liberdade — são os primeiros cantos de uma madrugada formosa. Cacambo é um precursor. Se lhe falta a pujança camoneana, ha nelle episodios que fariam honra a qualquer litteratura, como, por exemplo, o da morte de Lyndoia.

Frei José de Santa Rita Durão nasceu em Catta Preta, freguezia do Inficionado (Minas Geraes), pelos annos de 1717 ou proximos. Foram seus pais o sargento-mór Paulo Rodrigues Durão e D. Anna Garcez de Moraes.

Professou na ordem de Santo Agostinho, doutorando-se em Coimbra no anno de 1756.

Era eximio prégador e theologo consummado.

Indispondo-se com o bispo de Leiria, D. João da Cunha, resolveu partir para a Italia. Em viagem foi preso e encerrado no castello de Segovia, na Hespanha, por suspeita de espionagem.

Obtendo a liberdade, poz-se, de novo, a caminho dirigindo-se a Roma, onde residiu algum tempo, relacionando-se com muitas personagens eminentes na hierarchia ecclesiastica e nas letras.

Regressando a Portugal entrou em um concurso na universidade de Coimbra, discorrendo brilhantemente em latim e avantajando-se, com grande superioridade, aos demais concurrentes.

O seu verdadeiro valor é, porém, attestado pelo *Caramurú,* poema épico de incontestavel belleza cujo heróe é o vianez Diogo Alvares.

Todos os criticos que se têm referido ao poema são unanimes em consideral-o um dos primores poeticos do tempo nos dois paizes em que se falava a lingua portuguesa.

José Maria da Costa e Silva considera Durão como o *fundador da poesia brasileira.*

Para não nos alongarmos em citações basta indicarmos o episodio de *Moema* para que os entendidos julguem e estimem o poeta que o compoz.

Na poesia lyrica cabe chronologicamente o primeiro lugar a Claudio Manoel da Costa.

Nasceu a 6 de Junho de 1729. Sobre o

lugar do seu nascimento ha grandes duvidas. Pretende o Dr. Ramiz Galvão haver elle nascido no *Sitio da Vargem do Itacolomy*, freguezia de Marianna; outros affirmam, baseados em uma allusão do poeta, ter sido seu berço a cidade de Villa Rica; ainda outros apoiam-se na resposta dada por elle na prisão, quando interrogado, para o fazerem natural da mesma cidade de Marianna.

O mysterio que cerca o seu nascimento envolve igualmente a sua morte — uns querem que elle se tenha suicidado na prisão, o maior numero, porém, é de opinião que foi assassinado.

Era filho legitimo de João Gonçalves da Costa e de Thereza Ribeiro de Alvarenga.

Fazendo com brilhantismo os seus primeiros estudos no collegio dos Jesuitas do Rio de Janeiro, passou-se para Coimbra onde manteve a reputação adquirida nos bancos collegiaes.

Em Coimbra desferiu os seus primeiros cantos: o *Munusculo Metrico*, um *Epicedio* consagrado á memoria de Fr. Gaspar da Encarnação, os *Numeros harmonicos* e o *Labyrintho de amor*, poema publicado em 1753, anno em que o poeta doutorou-se em canones.

Foi admittido na Academia dos Arcades, de Roma, com o pseudonymo de *Glauceste Saturnio*.

De regresso ao Brasil, nos annos proximos de 1761, estabeleceu escriptorio de advocacia em Marianna e em Villa Rica, successiva ou simultaneamente. Obteve grande clientela e, por seu merecimento, foi nomeado secretario do Governo, cargo que deixou em 1765 para assumir a sua rendosa banca, voltando, porém, ao secretariado em 1769, exercendo-o até 1773.

De então por diante dedicou-se exclusivamente ás lides da advocacia.

A sua inspiração fertilissima não foi jamais prejudicada pelos trabalhos forenses — á medida que resolvia questões compunha os magnificos sonetos, modelos no genero, ou dissertava sobre economia politica. O seu poema *Villa Rica*, commemorando a fundação da cidade, capital de Minas Geraes, é um perfeito exemplar de poesia eloquente de onde reçuma o ardente patriotismo que a mais e mais se lhe acendrava no coração.

Todos os poetas, que então residiam na capital mineira, faziam uma liga espiritual perfeita, á qual muito se deve, pelo estimulo

que despertava, a floração da poesia em tempo tão ingrato.

Compromettido na *Inconfidencia* foi Claudio Manoel da Costa recolhido preso á Casa *dos Contos* e ali appareceu enforcado na manhan de 4 de julho de 1789.

Além das obras citadas e dos ineditos que foram publicados pelo Dr. Ramiz Galvão, alguns attribuem-lhe as famosas *Cartas Chilenas*, assignadas por Critillo, que contam os feitos de Fanfarrão Minezio, governador do Chile, que outro não era senão o immoral e perverso governador de Minas, o capitão general Luiz da Cunha Menezes.

Ha quem as diga escriptas por Gonzaga, ainda outros, como Sylvio Romero, são de opinião que o autor de tal pamphleto foi Ignacio José de Alvarenga Peixoto.

Sobre o valor poetico de Claudio não ha controversia — todos os que lêm a sua obra não regateam louvores á perfeição dos versos, á pureza da linguagem e á originalidade dos conceitos e das imagens com que os recama.

Escrevia com estreme perfeição em italiano e d'isso deu provas em mais de um bem lavrado escripto.

Thomaz Antonio Gonzaga, nascido no Porto, de pais brasileiros — o Dr. João Bernardo Gonzaga e D. Thomazia Izabel Gonzaga, passou a infancia no Brasil. Em 1763 matriculou-se em Coimbra, formando-se em leis no anno de 1768, sendo logo despachado Juiz de Fóra em Béja. Nomeado ouvidor de Villa Rica por decreto de 27 de Fevereiro de 1782 e por alvará de 25 de Maio tendo tambem a nomeação de provedor das Fazendas dos defuntos, ausentes, capellas e residuos da referida comarca, passou a tomar posse dos seus cargos, que exerceu com probidade e saber. Soffreu, por vezes, imputações injustas.

A paixão por D. Maria Joaquina Dorothéa de Seixas abemolou a lyra do poeta que nos deu os deliciosos carmes das *Lyricas* que, apezar de alguns dizeres suspeitosos, são do que de melhor produziu a inspiração poetica em lingua portuguesa no genero delicado em que tanto se fazem ainda hoje admirar os lyricos suaves da escola syracusana.

Foi com o pseudonymo pastoril de *Dirceu* que elle cantou as graças da sua Amaryllis, sem esquecer a natureza em que ella vivia.

Se o namorado vai preso ao encanto da

formosura, nem por isso o patriota deixa de ver a terra tão linda, de tão acceitosos cantos, de tão ferteis vergeis, fresca das aguas que a regam, perfumada das flôres que a matizam, sonóra dos cantos do passarêdo que por ella vôa em amorosa pressa, levando achegas para tecer o ninho que oscilla brandamente nos ramos finos.

Implicado no processo da *Inconfidencia* e tido por um dos chefes, quando já havia sido despachado desembargador da relação da Bahia, foi preso em Villa-Rica a 23 de Maio de 1789 e conduzido para o Rio de Janeiro, sendo encarcerado nas prisões da Ilha das Cobras, de onde foi depois transferido para outro carcere.

Julgado e condemnado a 18 de Abril de 1792, foi desterrado para as Pedras de Angoche, presidio de Angola, pena que foi commutada em 10 annos de degredo em Moçambique.

Ahi soffreu duramente e, talvez por gratidão a carinhosos desvelos na amargurada existencia que levava, o enamorado fiel de Marilia desposou outra senhora : D. Julianna de Souza Mascarenhas que, se não o merecia pelo espirito, soube conquistal-o pelo coração.

Finou-se no exilio, com 63 annos de idade, no anno de 1807.

Ignacio José de Alvarenga Peixoto nasceu no Rio de Janeiro em 1744, sendo seus pais Simão de Alvarenga Braga e Angela Michaela da Cunha.

Na mesma cidade fez os preparatorios, seguindo para Coimbra onde se formou em leis.

Depois de exercer o cargo de Juiz de Fóra na villa de Cintra, em Portugal, foi despachado ouvidor para a comarca do Rio das Mortes, em Minas Geraes.

Em S. João d'El-Rei, séde da comarca, casou-se com D. Barbara Heleodora Guilhermina da Silveira, senhora abastada, celebre pela sua belleza e pelo seu fim desventurado. Senhor de grandes fazendas de cultura no Paraopeba e possuindo vastos terrenos auriferos, Alvarenga deixou a magistratura para cuidar da administração dos seus bens, consagrando os seus lazeres á poesia de que era um mimoso.

Nomeado coronel de cavallaria de milicias da Campanha do Rio Verde viu augmentar-se ainda mais o seu prestigio.

Nas frequentes visitas que fazia á Villa Rica ligou-se fraternalmente aos poetas do

famoso grupo e sentindo, com elles, o soffrimento da Patria, dedicou-se ao sonho que a todos devia ser funesto. Attribuem-lhe a proposta do hemistichio virgiliano *Libertas quae sera tamen* para distico da bandeira republicana.

Homem de imaginação arrebatada, ardoroso, foi dos mais árdegos na conjuração, e soffreu redobradamente os rigores da pena, para os quaes muito concorreram, como maior castigo, a loucura da esposa e a morte da filha, a meiga Maria Iphigenia reduzida á miseria com o confisco impiedoso de todos os bens.

Durante tres atormentados annos o poeta penou no carcere.

Tantas e tão seguidas desgraças vergaram-lhe o animo robusto e os seus biographos affirmam, que, ao ouvir a leitura da sentença de morte, prorompeu em invectivas alludindo, com palavras ásperas, á abnegada esposa, typo de heroina, uma das figuras mais bellas desse sinistro quadro da conjuração mineira.

A pena foi commutada em degredo para Ambaca, onde o poeta expirou, minado de desgostos, a 1.° de Janeiro de 1793. Do seu legado poetico, o que nos resta revela-nos

um poeta de imaginação poderosa e artista delicado.

Houve um momento de estarrecida inercia — o espirito nacional retrahiu-se como se temperasse a energia para arremettida mais forte. Não havia contel-o : se a oppressão constrangia, mais se accendia o odio, mais se accendrava a idea de represalia.

As victimas pediam vingança. O povo não lamentava tanto a perda dos poetas, mas a derrota dos homens que encarnavam o ideal da Patria e que, segundo alguns, foram compromettidos pela loquacidade imprudente de Alvarenga Peixoto.

A musa brasileira teve no nascedoura uma hostia cruenta — os seus primeiros alumnos, foram os seus primeiros martyres e se o sonho politico desvaneceu-se no cadafalso e nos adustos areaes africanos, a Poesia immortal pairou acima do crime pondo uma aureola suave em torno do grupo dos precursores da nossa autonomia.

---

(1) Todas as notas relativas aos mencionados poetas foram rebuscadas na excellente publicação *Ephemerides mineiras*, preciosa fonte de subsidios historicos devida ao erudito José Pedro Xavier da Veiga.

## Escola fluminense.

O mestiço Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, tido como o mais delicado poeta do seu tempo, nasceu em Villa Rica em 1749.

Revelando, desde cedo, verdadeiro talento musical, tornou-se um *virtuoso* notavel á flauta e á rabeca. Baldo de recursos, a expensas de amigos de sua familia, matriculou-se no collegio dos jesuitas do Rio de Janeiro. Concluindo os preparatorios seguiu para Coimbra, onde formou-se em Canones.

Regressando ao Rio, já com fama de poeta, abriu banca de advogado. Fez proveitosa amizade com o marquez de Lavradio e Luiz de Vasconcellos e Souza que o nomeou lente de rhetorica e a sua aula foi frequentada por todos os nossos grandes oradores sagrados que illustraram o fim do seculo XVIII : Frias, Rodovalho, S. Carlos, Sampaio e Mont'Alverne.

Havendo-se compromettido na conjuração mineira respondeu a 9 interrogatorios, salvando-se graças aos bons officios de Anto-

nio Diniz da Cruz e Silva, o autor do *Hyssope*, como nol-o diz Camillo Castello Branco.

O conde de Rezende, que succedeu no governo a Luiz de Vasconcellos, adoptando medidas rigorosas contra os litteratos, dissolveu o gremio, que se suppõe haver sido a *Arcadia Ultramarina* da qual o nosso poeta era figura principal. Fundou então uma sociedade secreta de caracter politico sendo disso denunciado por um tal Fr. Raymundo, seu figadal inimigo.

Foi preso com outros companheiros em 1794 e posto a ferros na fortaleza da Conceição, sendo os seus bens confiscados.

Contrariando a affirmação de Camillo dizem Sylvio Romero e João Ribeiro baseados em Noberto de Souza e Silva : « O poeta foi mettido em monstruoso processo, dirigido por Antonio Diniz da Cruz e Silva, o autor do *Hyssope*. Conspiração era o seu crime, elle intentava fundar a *republica*. D'ahi o rigor excessivo dos juizes. Alvarenga esteve preso quasi tres annos em carcere privado; delle sahiu alquebrado, misanthropo, quasi perdido. Falleceu a 1 de Novembro de 1814. »

Referindo-se ao poeta dizem os autores citados : « Escreveu versos satyricos e lyri-

cos... Nos ultimos é que o seu talento foi verdadeiramente apreciavel. Neste genero escreveu sonetos, odes, canções, idyllios, além dos celebres rondós e madrigaes publicados em 1801, sob o titulo de *Glaura*, anagramma do nome da amante do poeta, que lhe foi roubada pela morte. »

Da primeira escola fluminense a figura que mais avulta é a do padre Antonio Pereira de Souza Caldas. Camillo Castello Branco, que não prodigalisava louvaminhas, ennobrece-o com estas palavras, sempre aferrado á sua teima de considerar portugueses aos brasileiros dos tempos coloniaes :

« Eis o nome de um poeta superior e o maior que tiveram portugueses na poesia sacra, mais que todas de difficil prova — em que a philosophia se ala até Deus sem se ajudar da ascese mystica. »

O poeta fluminense — (1762 — 1814) tem alguma coisa que o approxima dos grandes cantores biblicos — é a sua linguagem magnifica, é o arroubo que o tira da terra como que o elevando no proprio cantico, é a suavidade das suas estrophes cheias de uma belleza casta que se impõe aos mais indifferentes.

As suas odes, de um estreme sabor clas-

sico, reçumam a grandeza do estro e dão a amostra do largo conhecimento que possuia da lingua.

São modelos que deviam andar nas mãos dos alumnos, já para lhes desenvolver o gosto esthetico, já para os familiarisar com o vernaculo purissimo, bello, magnifico e sonoro, sem, todavia, carecer de rebuscados dizeres que não revelam conhecimento, senão paciencia dos rabiscadores.

As suas *Odes* versam sobre — *a existencia de Deus; a virtude da religião christam; a necessidade da revelação.*

Das suas poesias profanas sobresahe a cantata *Pygmalião*, em estylo classico. Além das obras originaes deixou uma traducção dos *Psalmos*.

Frei Carlos escreveu o poema da *Assumpção da Virgem*.

No decurso do tempo que separa os grupos dos verdadeiros talentos representativos, muitos foram os poetas que pretenderam cantar a patria e as suas bellezas, os homens e os seus feitos ou, egoistamente, os seus amores.

Quantas paginas mereciam ser citadas de Natividade Saldanha, o pernambucano, cuja lyra tantos louvores entoou aos heroes de

Hollanda; de frei Bastos Baraúna; do vigario Ferreira Barreto; de Tenreiro Aranha! mas se tal fizessemos falhariamos ao nosso intuito e teríamos de dar largo pórte á obra que, pelo seu destino, deve ser um ligeiro expositor onde se encontrem as necessarias referencias ás grandes epochas e aos que mais as illustraram e não um indice de autores.

I

## Os primeiros romanticos.

Em 1822, constituindo-se o Brasil em nação independente, acclamado o seu primeiro imperador, começa uma vida nova inaugurada com o regimen autonomico que desopprime o nacional dando-lhe liberdade de acção e de sentimento.

A poesia não resiste ao carcere — alada, requer a amplidão do espaço, constrangida tem a sorte do rouxinol que, na prisão, emmudece, definha e morre.

A nossa independencia é saudada pelos primeiros hymnos do romantismo.

A França, voltando-se, saudosa, para o Passado, revia os dias da révora christan, penetrava os solares da Idade Media fazendo delles sahir, em sonoros enxames, as balladas e toda a poesia amorosa e de sonho conservada na tradição ou suggerida pelas ruinas, como hera florida.

Um peregrino de genio, depois de haver visitado as florestas virgens da joven America, surprehendendo a mãi natchez a embalar

a redouça em que dormía, entre flores vivas, o filho pequenino, percorria, em jornadas vagorosas, os caminhos sagrados do paiz da Escriptura ou, remontando na historia, aprofundava-se nas cryptas para acompanhar os primeiros ágapes, reflectindo todas as suas visões nas paginas intensamente poeticas da sua obra revolucionaria.

A antiguidade rejuvenesce, a Idade Media resurge com o cavalheirismo galante dos dias arthurianos e as brenhas agrestes, dantes temidas e detestadas, dão as suas flores, a sua poesia cheia de surpresas.

E Bernardin de Saint-Pierre triumpha com o idyllio rustico e o « indianismo » impõe-se com Chateaubriand.

O romantismo irrompe entre nós com vigoroso viço como semente cahida em terreno fecundo. Atravessando differentes phases, qual mais formosa e mais rica, chega á perfeição com os ultimos representantes.

Vejamol-os por ordem chronologica :

Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811–1882). Para os que preferem as bellezas da fórma á substancia e á intenção poetica o autor dos *Suspiros poeticos* não se avantaja aos que o precederam. O seu verso é, por vezes, ferreo, sem a maleabilidade graciosa

e a rima, que tanta graça ajunta á estrophe e que conduz o espirito ao seu som atravéz das estancias, faltando na poesia do nosso autor, arrefece o enthusiasmo de quem o lê.

Somos um povo de « melómanos », o ouvido é o nosso sentido mais apurado e, ainda que a idéa nos impressione, ainda que a imagem nos agrade, se a rima não sôa na ponta do verso sentimo-nos como que roubados — a emoção poetica não vem da poesia, está toda na rima.

Os poetas da primeira epocha romantica não conseguiram impor-se ao povo por apparecerem sem o distinctivo da rima — não porque lhes fosse difficil adoptal-o — e nas provas que fizeram mostraram capacidade bastante para o artificio — senão por proposito de fazerem o verso puro sem o remate obrigado do guiso banvilleano.

Magalhães é naturalmente altiloco e essa disposição não transparece sómente no trato dos assumptos que requerem alto estylo, mas em todas as suas composições, até nas menos pretenciosas.

Em *Urania* e nos *Cantos Funebres* não se desfaz o grandioso que caracterisa o autor da *Confederação dos Tamoyos*, poema alcandorado, e, por vezes, fatigante.

No theatro, entre outras composições, appareceu com as tragedias *Antonio José e a inquisição* e *Olgiato*.

Dão-n'o por philosopho e Sylvio Romero vê nelle o precursor da Poesia scientifica entre nós.

Manoel de Araujo Porto Alegre (1806-1879), do Rio Grande do Sul, autor do *Colombo* e das *Brasilianas;* foi, como o seu contemporaneo, guindado, mas em que pese aos que tanto estimam o autor da *Voz da natureza*, o seu lyrismo não abruma o dos poetas do esplendido e desgraçado grupo mineiro, nem na essencia nem na fórma.

Nomeam-no como um dos grandes do seu tempo. A sorte collocou-o ao lado do maior poeta que, até hoje, tem pulsado a lyra no Brasil, não como rival, mas como companheiro e amigo : Antonio Gonçalves Dias.

Natural da cidade sertaneja de Caxias, á margem do Itapicurú, na antiga provincia do Maranhão, o justamente acclamado « principe dos poetas brasileiros » nasceu a 10 de Agosto de 1823.

Filho de um portugues e de uma mameluca, devia ser, como foi, um representante das duas raças. Herda do pai o amor á lingua vernacula e o culto pelo passado, da mãi tira

o « sentimento » da patria, a paixão nostalgica da floresta. Nelle sobrevivem conjuntamente o branco e o indio em intima alliança.

É o verdadeiro cantor nacional, o nosso aédo, se assim me posso exprimir.

A sua alma sensivel não esquece uma só das bellezas da terra e, descendente dos autochtones, o mestiço faz-se o bardo selvagem, o genio florestal, cantor do indio, da selvae glorificador das tribus.

Todos os aspectos da vida nacional elle procurou traduzir referindo-os na sua lyra soberba; e, se entoava o canto do *Piága* ou fazia resoar o epinicio do guerreiro indio, instantes depois, dominado pelo fulgor de uns olhos apaixonados, cantava-os com tanta expressão que o severo Alexandre Herculano não poude calar o seu enthusiasmo quando leu a poesia do delicado poeta maranhense.

Perdendo o pai em tenra idade, Gonçalves Dias foi levado para Coimbra por um capitalista portugues e, não sem difficuldades, como nos referiu um dos seus contemporaneos e companheiro de estudos na velha cidade universitaria, o Dr. Pedro Nunes Leal, concluiu o curso de direito.

Regressando, em 1835, á terra natal pouco se demorou á sombra das queridas palmei-

ras, partindo para o Rio de Janeiro no anno seguinte.

Data d'esse mesmo anno a publicação do seu volume de estréa : « *Primeiros cantos* » que abre pela famosa « Canção do exilio » tão conhecida e estimada por quantos prezam as bôas letras.

O exito d'esse livro foi extraordinario, grangeando immediatamente para o seu autor grande reputação no paiz e em Portugal.

Seguiram-se outros volumes, em um dos quaes appareceram as celebres *Sextilhas de frei Antão*, escriptas, ao que dizem, em resposta a commentarios que fizeram membros do Conservatorio Dramatico do Rio de Janeiro á peça *Beatriz de Cenci.*

Para conquistar-lhe o titulo de mestre era demasiada a prova, e os seus « criticos » esmiúçadores, sem duvida, da grey dos que bravateiam muita sabença grammatical, incapazes, na pratica, da construcção mais ligeira, deviam ter ficado com o nariz de metro, porque o poeta respondeu á emenda com uma lição profunda que, se foi uma represalia, é caso para bemdizermos a provocação pedante.

Além de haver escripto para o theatro varios trabalhos, d'entre os quaes sobresahe

*Leonor de Mendonça,* dedicou tambem á triste raça opprimida dos negros alguns suaves accordes da sua lyra. Na *Escrava,* se ainda não ha o protesto, afflora a piedosa referencia, a allusão á saudade dos exilados.

Feita a sua reputação teve logo empregos, alguns dos quaes o levaram á Europa. No exercicio de um d'elles nasceu-lhe o desejo de dar á estampa as suas estudiosas observações sóbre o problema da raça brasilica e publicou o valioso trabalho intitulado *Brasil e Oceania,* que lhe abriu lugar entre os sabios.

Deu tambem um pequeno diccionario da lingua tupy, não terminando, infelizmente, o poema *Os Tymbiras,* do qual apenas nos deixou 4 cantos de primoroso estro.

Enfermo, longe da patria, resolveu regressar, dando aviso da sua partida ao seu amigo Dr. Henriques Leal, em carta em que havia estas palavras presagas : « Em principios de Outubro devo lá estar (no Maranhão) se não ficar no mar. »

A barca francesa *Ville de Bourgogne,* em que sahiu do Havre, sossobrou nas immediações do pharol de Itacolomy, no Maranhão, a 3 de Novembro de 1864, perecendo

o poeta quando já respirava as auras da terra natal.

São d'este tempo tres vultos dos quaes mui justamente se ufana o Maranhão : Manoel Odorico Mendes, João Francisco Lisbôa e Sotero dos Reis.

Qual d'elles mais puro e mais acendrado em zelo pela lingua que falaram e escreveram com desusado brilho, deixaram preciosos legados tidos em muita estima, não só como reliquias litterarias do tempo em que a prosa, entre nós, começou a dar os seus primeiros frutos sazonados, mas tambem como exemplares de ensino, sempre consultados com proveito pela erudição que concentram, pela critica avisada que expoem, pelo estylo apurado e elegante que não desmerece posto em confronto com o dos mais polidos autores do nosso tempo.

Odorico Mendes (1799-1864) profundo conhecedor do grego e do latim, trasladou para o portugues os poemas de Homero e de Virgilio.

A inspiração era-lhe escassa, suppria-a o estudo. Carreou para o vernaculo a grande poesia classica e o seu trabalho teria lucrado em pureza e em brilho se, por extremos de cultura, o traductor não se ativesse tão afer-

radamente á syntaxe e ao vocabulario dos originaes, dando-nos uma obra que, por vezes, mais se nos afigura parodia, soando em vozes imitativas, do que traducção de cunho litterario.

Sotero dos Reis (1800-1871) rival do nosso Moraes, autor do excellente diccionario prosodico, incontestavelmente o melhor que possuimos, foi philologo de nota. Professor em S. Luiz do Maranhão compoz para os seus alumnos uma grammatica, um Curso de Litteratura e traduziu excellentemente os *Commentarios* de Cesar.

João Francisco Lisbôa (1812-1863) Um dos mais vigorosos prosadores de que se pode ufanar a nossa litteratura. Fez-se por si. Homem de vontade energica e ambicioso de saber procurou illustrar-se abeberando-se em todas as fontes puras e, ainda que vivendo em um meio de pequenos recursos, como o Maranhão, traçou um plano de estudos familiarisando-se com diversos idiomas para aprofundar-se nas respectivas litteraturas.

E, como se lhe não bastasse o departamento litterario, porque o espirito levava-o para a polemica, para as lutas da tribuna e da imprensa, nas quaes foi formidavel, dedicou-se ás sciencias, especialmente á do direito.

A sua obra, condensada em 4 volumes, excelle na parte historica, sobre a qual escreveram Sylvio Romero e João Ribeiro :

« Os meritos dessa obra são : a belleza do estylo, claro, conciso, correcto, vibrante, por vezes ; a erudição segura, de primeira mão ; o espirito liberal e humanitario ; a analyse percuciente seguida de rápidas e lucidas syntheses ; a attenção que deu aos problemas ethnographicos na formação da população, a inquirição acerca do estado juridico do povo e das condições da administração colonial, a referencia segura ao estado economico dos colonos, ás condições do trabalho, ao drama pungente da escravidão dos indios, ás luctas dos colonos com os jesuitas, ás vacillações do governo da metropole nas mais graves questões, á rapacidade e aos desmandos dos funccionarios e magistrados, ainda os mais notaveis. Até hoje é o unico historiador nosso em cujas paginas se sentem palpitar algumas das agitações d'alma popular, algumas das pulsações do coração da nacionalidade que se ia e vai formando (1) ».

Antonio Peregrino Maciel Monteiro (1804-

---

(1) Sylvio Romero e João Ribeiro, *Compendio de historia da litteratura brasileira.*

1868) pernambucano. Foi um elegante, apri-morado em Paris. Na politica a sua palavra era reputada das mais eloquentes, nas letras foi de um lyrismo suave e apaixonado.

Extraviando-se em palestras de salão e em cortezanias galantes prejudicou grandemente o seu talento que poderia ter produzido em maior copia. A sua obra só começou a ser colligida em 1905 e della não se pode ainda dar um juizo seguro por achar-se a critica dividida em dois campos : um dos que a exal-tam, outro dos que a deprimem.

José Maria do Amaral foi um sereno e um triste. Fiel ás antigas fórmas portuguesas, não se deixou atacar pela corrente roman-tica, apesar de a haver sentido em torno do seu espirito quando visitou a Europa, então em plena effervescencia revolucionaria con-tra o classicismo.

Laurindo Rabello foi um elegiaco, não dos que inventam soffrimento para choral-o, mas dos que soffrem realmente e exprimem, com sinceridade, o estado d'alma melanco-lica.

Como satellites dos tres maiores romanti-cos do primeiro periodo brilham, com mais ou menos fulgor, Norberto de Souza e Silva, que, além da tragedia *Clytemnestra* e do

drama *Amador Bueno* e outros trabalhos menos robustos, deu-nos a *Historia da conjuração mineira* e varios subsidios historicos, colligidos com criterio, romances e novellas. Teixeira e Souza, que tambem escreveu para o theatro, sobresahindo, porém, na novellistica com o *Filho do pescador*, *As fatalidades de dois jovens*, *A providencia*, etc.

Dutra e Mello, João Cardoso de Menezes e Souza com grande numero de poesias originaes e traducções do latim, de Plauto e outros autores; Francisco Octaviano, poeta delicado que a politica absorveu; Moniz Barreto, o repentista bahiano; Manuel Pessôa da Silva, Torres Bandeira; o satyrico poeta mineiro Padre Corrêa de Almeida, Felix Martins, José Maria Velho da Silva e outros menores.

A eloquencia, que vinha da ingenua singeleza das predicas dos missionarios, tendo um momento de prodigiosa elevação com os surtos do Padre Antonio Vieira, para, de novo, descer ás homilias ou esbravejar acalorada nas arengas revolucionarias como as do extremado nativista pernambucano Frei Caneca, começou a polir-se.

A emulação entre os oradores, quer politicos, quer sagrados, fez com que se levantas-

sem da banalidade lerda em que se relaxavam. O povo, interessado na politica, affluia a ouvir os parlamentares e apinhava-se nas igrejas, transbordando nos adros, quando subia ao pulpito um pregador de fama.

As festas religiosas eram celebradas com verdadeira pompa e constituiam a preoccupação do povo, privado de distracções e ainda profundamente mystico.

Grandes vozes atroaram as abobadas — a de frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio (1778-1830) as de Souza Caldas, São Carlos, Januario da Cunha Barbosa, Vigario Barreto, Frei Bastos, mas a de Mont'Alverne foi a que maior impressão produziu destacando-o, na parenetica brasileira, num posto de excepção.

Era homem de proporções athleticas e de espirito orgulhoso. Tinha-se em conta de genio e, quando assumia o pulpito, encarava o auditorio com a segurança de um dominador.

Os seus sermões, se hoje soffrem da critica, que os não estima no apreço em que o tiveram os que o ouviram, valem, todavia, pela pureza da linguagem escoimada e pelos arroubos da imaginação que era, no frade, altiva.

A sua philosophia desfel-a o tempo. Cegando aos cincoenta e dois annos recolheu-se a cella monastica de onde, a instancias do imperador, sahiu para pregar. Tinha então setenta annos e, apparecendo no pulpito, commoveu o auditorio com a sua presença e a palavra, que ainda se conservava potente, animada pelo gesto dramatico, garantiu-lhe um triumpho.

Entre os sermões do majestoso frade cita-se o de S. Pedro de Alcantara tido como obra prima, ainda que se não compare aos de Vieira aos quaes visivelmente rastreava.

E' no agitado periodo da constituinte, entrando pelo da regencia, que estream na tribuna politica os grandes oradores: Antonio Carlos, o fogoso e altaneiro paulista, Carneiro de Campos, Bernardo de Vasconcellos, Alves Branco, Maciel Monteiro e outros. Avultam no segundo reinado os marquezes de Abrantes, de Uruguay, de Paraná e Nabuco, Zacarias, S. Lourenço, Jequitinhonha, Cotegipe, Rio Branco, Souza Franco, etc.

O nosso theatro, ainda nos dias que os optimistas tanto exaltam, não deu aos escriptores o bastante para que se podessem dedicar exclusivamente á sua cultura. Quem fa-

zia peças havia de ter outro grangeio para não cahir na penuria em que viviam os autores no tempo de Scarron.

Assim quasi todos os comediographos, sobre haverem exercido cargos publicos, não se contentaram com a vida no theatro, divulgavam-na em novellas e em romances, contrariando a lição dos criticos que entendem, e ajuizadamente, que o escriptor dramatico deve apenas trabalhar neste genero litterario sem o que, por vicios de prolixidade adquiridos na descriptiva dos romances, jamais conseguirá a sobriedade que a scena exige para dar a impressão do real.

Luiz Carlos Martins Penna (Rio de Janeiro, 1815-1848) é tido como o creador da comedia brasileira. Cursou as aulas de archi tectura, pintura e esculptura da Academia das Bellas-Artes, estudou a musica, mas a sua inclinação para as letras levou-o para os estudos litterarios. Exerceu o funccionalismo publico, sendo nomeado addido de primeira classe á nossa legação em Londres. Enfermando gravemente da tuberculose partiu para Lisbôa, com destino ao Brasil, fallecendo, porem, nessa cidade a 7 de Dezembro de 1848. Penna deixou um vasto repertorio de comedias que, por serem muito objecti-

vas, perderam o interesse em nossos dias.

Sylvio Romero, no excellente estudo que escreveu sobre o nosso comediographo diz : « Martins Penna não era um temperamento philosophico. Sua visão dos homens e da sociedade não manifesta preoccupações theoricas do pensamento. Nenhuma sombra sobre o eterno problema das coisas vem pousar em sua obra.

O estylo tambem não accusa jamais outra tendencia, alem de uma alma galhofeira e intelligente, apta a observar o ridiculo dos homens, mas sem tirar d'ahi uma consequencia qualquer. Ri pelo gosto de rir, não como o moralista que busca doutrinar, ou o pessimista que procura castigar, ou como o misanthropo que se delicia em fazer soffrer. E' o espirito comico em uma sociedade ainda nova, cheia de vicios, é certo, porem não ainda de todo corrompida. A superficie está affectada, mas as molas centraes do organismo estão intactas. Não era tambem um poeta, um lyrico; a imaginação nunca desferia nelle o vôo para as altas regiões ethereas das douradas scismas, dos devaneios immarcessiveis. Era um observador, é innegavel, porem a penetração da sua analyse nunca foi alem da epiderme social ».

Estas sabias palavras do polygrapho sergipano lembram-nos as que escreveu René Doumic sobre Scribe : « Scribe a ignoré le cœur de l'homme. Il n'a vu de la société de son temps que les travers les plus apparents. Encore faudrait-il dire pourquoi il a si mal débrouillé le spectacle de l'humanité. C'est qu'il n'a pas pris son point de vue assez haut. C'est qu'il a été incapable de toute conception élevée. »

Escrevia para um publico ingenuo, que só queria rir, contentando-se com figurinhas allusivas, satyra de *marionnettes*.

Que diriamos de um homem a quem pedissemos os typos de uma epocha e que se contentasse com apresentar-nos manequins trajando os costumes do tempo? E assim as comedias de Penna são puramente objectivas — são figuras que passam sem deixar vestigio d'alma.

A nossa novellistica, da qual já mencionamos os primeiros productos, não despontou viçosa : veiu lenta, hesitante, e, como lhe faltou o apoio do publico, não se desen volveu com a pujança que poderia ter em um meio virgem, onde os assumptos abundavam.

O mais fecundo dos romancistas brasilei-

ros da primeira phase romantica foi Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882).

Nasceu na villa de Itaborahy, na provincia do Rio de Janeiro. Formou-se em medicina e, nomeado lente de Historia do Brasil no *Collegio Pedro II,* contou, entre os collegas de magisterio, Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, de Simoni.

Foi deputado em varias legislaturas.

Produzia com soffreguidão e os que lhe criticam a forma descurada onde, não raro, com deslustro, apparecem erros graves, attribuem taes vicios ao seu processo de trabalho.

Certo o vagar é preferivel á pressa atabalhoada — a obra de afogadilho não pode ter a nitidez que só a muita revisão consegue dar, não se diga, porém, que o desalinho do escriptor é resultado do açodamento — aquelle que tem a disciplina do estylo, na maior azafama de trabalho não discrepa, encarnando a idéa na expressão precisa, dando a cor necessaria á paizagem, o movimento adequado á figura.

A verdadeira belleza é espontanea — salta como a centelha.

Muitos dos que mais se curvam sobre as paginas com ancia de perfeição, já rebus-

cando vocabulos, já torcendo, retorcendo os periodos não conseguem obter um effeito que sahe improviso da penna do escriptor adestrado.

Assim como as excessivas louçainhas prejudicam, por sobrecarga, a obra d'arte, assim os torcicollos, as volutas, as filigranas, arabescando complicadamente a acção, tornam a narrativa fatigante por abstrusa.

A simplicidade só é condemnavel quando desce ao banal, quando rasteja no trivialismo; a incorrecção essa é sempre defeito que se não perdôa a quem se presume de escriptor e, como tal, pretende impôr o seu dizer á lingua.

Macedo tinha as qualidades de um grande romancista : imaginação e espirito de analyse. Os seus romances interessam pelos quadros, pelas figuras que apresentam — ha nelles vida, sente-se uma epocha e, por elles, pode-se recompôr a antiga cidade com o seu casario colonial, os seus costumes simples, as suas figuras pittorescas, a sua poesia ingenua.

E' pena que a forma prejudique a obra do autor fluminense, relegando-a para o archivo das curiosidades archaicas, quando podia e devia incorporar-se á vida contemporanea

se o escriptor não a houvesse exposto em tão tristes andrajos de linguagem.

Macedo tambem escreveu para o theatro e foi dos mais applaudidos no seu tempo. Deixou varias poesias lyricas e um poema *A nebulosa*.

Manuel Antonio de Almeida (1830-1861), medico, nascido no Rio de Janeiro. Escreveu o famoso romance *Memorias de um sarjento de milicias* e um drama lyrico *Dois amores*. O romance, estimado pelos quadros de costumes que apresenta, é de valor mesquinho como obra litteraria. Ha quem o gabe com enthusiasmo apontando maravilhas ao longo das suas paginas : eu acho-o duro, aspero, escavacado como um andurrial.

Francisco Pinheiro Guimarães (1832-1877) Patriota exaltado, medico e lente na Faculdade de medicina, foi jornalista, dramaturgo, romancista. Quando se declarou a guerra do Paraguay alistou-se como voluntario notabilisando-se pela bravura.

Foi dos que mais procuraram levantar o theatro entre nós no tempo em que se consagravam a tal empreza Macedo, Alencar, Quintino Bocayuva, Sizenando Nabuco, Agrario de Menezes, Achylles Varejão, Castro Lopes, Joaquim Serra.

Deixou os dramas *Historia de uma moça rica*, *Punição,* a comedia *Quem casa quer casa* e o romance *O commendador* além de grande copia de artigos politicos e litterarios.

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (1827-1885) mineiro. Matriculou-se na Academia de S. Paulo no tempo em que a formosa cidade academica parecia animada pelo espirito satanico de Byron.

Era então a orgia um como destino poetico. Á noite, atravez da garòa, pelas viellas de taipa, cruzavam-se embuçados, ou a serenata languida soava sob imaginarios balcões. Nas tascas fuliginosas recitavam-se versos de Musset e imaginavam-se tragedias lugubres. Bernardo Guimarães, deixando as suas montanhas nataes, cuja saudade foi sempre a sua melhor inspiração, filiou-se ao grupo dos romanticos chefiado por Alvares de Azevedo... e começou a queimar o talento nas chammas dos *punchs* orgiasticos.

Poeta de um lyrismo ora amoroso, ora naturalista, ora philosophico, ora humoristico, é, entretando, como romancista que o seu nome fulgura.

Andejo e verdadeiramente amante da natureza e dos simples o seu prazer era trilhar

as serenas estradas sertanejas, pousar nos ranchos onde soava a viola ou a velhinha, á beira do fogo, contava historias do velho tempo.

E' um dos primeiros na escala dos escriptores nacionalistas que trouxeram para a litteratura as bellezas selvagens da nossa patria e os costumes da nossa gente do interior. Não é um purista e a sua forma resente-se do abandono, sobra-lhe, porém, o pittoresco.

João Franklin da Silveira Tavora (1842-1888) cearense. E' um dos grandes precursores do movimento nacionalista. « Elle deve figurar, dizem os autores do Manual de Historia da Litteratura brasileira, como chefe do *naturalismo tradicionalista e campesino* na novellistica brasileira; *naturalismo*, porque seus typos e scenas são estudados do natural, das observações directas do escriptor e não meros filhos da imaginativa; *tradicionalista* porque o romancista deu quasi sempre preferencia aos assumptos do passado, nomeadamente o seculo XVIII, que estudou com carinho; *campesino*, porque escolhia seus actores entre a gente da *roça*, do *matto*, do *campo*. » Tavora, injustamente esquecido do povo e maltratado da critica, é um dos vultos de mais alto relevo da nossa litteratura.

A sua obra, profundamente nacional, accentuadamente typica, abre-nos o passado, mostra-nos a vida da gente matuta, dá-nos quadros de uma fidelidade absoluta.

Quem o lê transporta-se ao « meio » apanhado pela sua objectiva, convive com as suas personagens, sente o prestigio do encanto das suas evocações.

Colorista, não abusa das tintas e, conhecendo o que descreve, não ha nelle exaggero nem falha e a linguagem discorre fluente e harmoniosa, aqui serena, alí empolada, mas sempre natural.

Não atino com a razão do desamor com que o tratam aquelles que mais o deviam levantar pelos seus meritos de escriptor e de propagandista do nacionalismo da arte.

Tavora escreveu tambem para o theatro. Affirma-se que, em hora de desespero, debatendo-se em miseria, lançou ao fogo os originaes da *Historia da revolução de 1817* e o da *Historia da revolução de 1824*. Morreu em pobreza extrema.

José Martiniano de Alencar (1829-1877) cearense. Não podendo dizer melhor do grande vulto do que disseram Sylvio Romero e João Ribeiro, dou-lhes a palavra :

« Tendo a preoccupação constante da for-

mação de uma litteratura nacional, preparou-se convenientemente para contribuir para ella.

Estudou com afinco os velhos chronistas e historiadores; procurou conhecer os costumes dos selvagens, o viver dos colonos, dos escravos, das classes dirigentes durante a formação das populações brasileiras; poz em contribuição suas recordações proprias, já do que viu nas suas viagens, quer a que fez do Ceará ao Rio de Janeiro, longo percurso por terra nos vivos annos da meninice, quer as que posteriormente fez para Pernambuco e São Paulo, durante o curso academico, quer as que mais tarde fez ao Ceará e a Minas: já do que observou directamente da vida social ou aprendeu de informações de amigos sinceros e competentes conhecedores do paiz.

Junte-sé a isto a sua extraordinaria facilidade de escrever num vocabulario rico e, ao mesmo tempo, transparente, simples, e num estylo sonóro e vibrante, sua poderosa imaginação sempre prestes a alçar o vôo, seu talento descriptivo, lésto nas scenas humanas, brilhantissimo na paizagem e nas scenas da natureza e ter-se-á idéa da valia d'este escriptor. »

A resistente capacidade de trabalho de Alencar, permittia-lhe apparecer, e sempre brilhantemente, nas lutas politicas, nas campanhas de imprensa, sem que soffresse prejuizo a sua obra litteraria.

Como se desejasse deixar nas paginas, que o seu talento immortalisava, toda a vida da patria : percorria-lhe a historia, visitava-lhe o territorio e, onde não podia chegar, mandava a imaginação, e é assim que encontramos no seu vastissimo legado, além da variedade dos generos — theatro, polemica, discursos parlamentares, critica, romances inspirados na vida colonial e logo outro de casos contemporaneos, o *Sertanejo* dos carrascos do Norte e o *Gaucho* das cochilhas. Não lhe faltou o que pede o diamante para esplender em scintillações : a tortura.

Os seus ultimos annos de vida foram atormentados. Soffrendo ataques dos seus adversarios politicos respondeu com denodo, verbo a verbo, mas quando o feriram nos meritos litterarios entendeu que a melhor resposta seria a perfeição e, apurando ainda mais a sua linguagem, dando mais espaço á imaginação, cegou com o deslumbramento áquelles que o buscavam ferir.

A obra de Alencar é vasta e toda de estima.

Tristão de Alencar Araripe que escreveu o *Perfil litterario* do romancista cearense, disse : « O seu modo de ser litterariamente e os seus livros tem um timbre que não se confunde com o vulgar. Como escriptor destaca-se; a sua phrase apresenta um som proprio. A obra constitue incontestavelmente uma individualidade.

Esse *quid*, a aristocracia d'esses periodos cheios de arminhos, de cores niveaes e elações repentinas para o desconhecido, de surpresas, de reviravoltas luminosas em torno do pensamento anesthesiado, trail-o-iam em qualquer parte aonde se exibissem paginas suas, embora sem assignatura.

Ninguem confundiria com o de outro brasileiro esse estylo que, usando do Juizo de Joubert relativo a Rousseau, « produz sobre a alma a mesma impressão, que causariam, tocando-nos, as carnes assetinadas de uma mulher formosa. » Tanto ha de mulher em sua phrase!

O tom de intima familiaridade e o *laissez aller* com que diz tudo quanto quer, sem ferir o gosto dos delicados, levam quasi sempre os seus leitores a retouçar no azul, deslisando-se por todos os encantos e tenues sybaritismos da vida. E' nestes momentos de

hypnotismo que lhe apraz, as mais das vezes, por meio de uma phrase de effeito, chamar a attenção para coisas minimas, vulgares, que as tintas da sua palheta, ou os vocabulos magicos tirados dos limbos do pensamento, conseguem mostrar por uma face desconhecida, que deslumbra a todos e mergulha o espirito em um gozo indefinido. »

Alfredo de Escragnolle Taunay (1843-1899) foi um dos nossos mais fecundos escriptores e o que mais variadamente se manifestou nas letras, multiplicando as aptidões como jornalista, romancista, orador, didacta, critico de arte, historiador.

Amando de coração extremoso a sua patria e admirando-lhe as bellezas naturaes deixou dellas descripções primorosas.

As proporções limitadas deste livro não comportam explanações e não faltam aos curiosos da nossa Historia Litteraria obras onde se informem.

Diremos apenas de Taunay que foi um romancista de observação e poesia dando-nos uma obra de meiguice na *Innocencia* e um estudo, que é sem par em nossas letras, *La retraite de Laguna*, contando os terriveis episodios da famosa retirada das nossas

forças na expedição enviada a Cuyabá, no inicio da campanha do Paraguay.

Alem destas obras outras escreveu o autor incluindo-se nellas as de theatro, de critica e politica.

No romance ainda podem ser citados José do Patrocinio com *Os retirantes*, *Pedro hespanhol* e *Motta Coqueiro*, Tristão de Alencar Araripe Junior com *O reino encantado* e outras novelles e Inglez de Souza com *O missionario*.

## Historia e critica.

Nos primeiros periodos, como já tivemos occasião de ver, a historia limita-se a registrar factos e a descrever. Parte da carta de Caminha que alguns consideram pittorescamente como o — registro de nascimento da nossa terra.

Capistrano assim determina a evolução da historia nos differentes periodos :

« 1.° *descripções chorographicas* com Gandavo, Cardim, Gabriel Soares;

2.° as *biographias* iniciadas por José de Anchieta e proseguidas por Pedro Rodrigues e Simão de Vasconcellos;

3.° as *chronicas monasticas* com alguns Jesuitas, Vicente do Salvador e Jaboatão;

4.° as *chronicas de capitanias e nobiliarchias*, com Ravasco, Borges da Fonseca e Pedro Taques;

5.° *historia geral* em nosso seculo, especialmente com Varnhagen. »

Sylvio Romero não acceita a systematisação do erudito professor, entendendo que

se não podem separar os dois primeiros periodos, collocando, por exemplo, Cardim em um e Anchieta em outro, e propõe a seguinte classificação, mais de accordo com a verdade:

« I. — *Primeiro período*, em que predominam as *cartas annuas*, *relatorios*, *diarios*, *biographias*, *descripções chorographicas* do paiz, abrangendo todo o seculo XVI até começos do XVII, isto é, até Frei Vicente do Salvador (1500-1627), com Gandavo, Nobrega, Anchieta, Cardim e o incomparavel Gabriel Soares;

II. — *Segundo periodo*, de Frei Vicente do Salvador a Rocha Pitta, isto é, da *Historia da Provincia do Brasil* á *Historia da America Portuguesa* (1627-1730);

III. — *Terceiro periodo*, épocha principalmente das *chronicas de capitanias* e *nobiliarchias* (1730-1820) com Jaboatão, Borges da Fonseca, Pedro Taques, Frei Gaspar da Madre de Deus, Roque Leme, Balthazar Lisbôa, Pizarro de Araujo, etc.;

IV. — *Periodo de transição para as Historias Geraes* representado peculiarmente em Cairú, S. Leopoldo, etc. (1820-1850);

V. — *Periodo das historias geraes ou limitadas a certas zonas ou epochas*, principalmente com Varnhagen, que escreve a *Histo-*

*ria Geral do Brasil* e a *Historia das lutas com os hollandeses;* João Lisboa, que nos dá os *Apontamentos para a Historia do Maranhão;* Pereira da Silva, muito inferior aos dois, que produz, entre outros livros, a *Historia da fundação do imperio brasileiro;* Norberto Silva que, além da *Historia das aldeias de indios do Rio de Janeiro*, publica a *Historia da Conjuração mineira;* Rayol, que é o autor da *Historia dos motins politicos do Pará*. A estes podem juntar-se Ignacio Accioli, Mello Moraes e Felicio dos Santos (1850-1870);

VI. — *Phase das demonographias eruditas* devidas principalmente a Joaquim Caetano da Silva, Candido Mendes de Almeida, Silva Paranhos Filho, Valle Cabral, Ramiz Galvão;

VII. — *Ultima phase*, em que, além da erudição, surgem vistas theoricas geraes com Capistrano de Abreu e, até certo ponto, Joaquim Nabuco, em seu ultimo livro — *Um estadista do Imperio*.

E adiante continúa :

« Um olhar de imparcialidade lançado sobre os nossos escriptores destacará d'entre elles tres que se elevam acima de todos os outros : VARNHAGEN, porque foi o primeiro

que comprehendeu ser impossivel fazer a historia sem os documentos originaes; e por isso muito andou, muito pesquisou, muito leu e de tudo conseguiu extrahir essa *Historia Geral do Brasil* que, apezar dos seus defeitos de redacção e da estreiteza da sua philosophia, é um livro notabilissimo; João Lisbôa, porque além do liberalismo introduziu a Arte na historia, escrevendo com bellezas de estylo; Capistrano de Abreu, porque, a um alargamento ainda mais vasto da erudição do que Varnhagen, soube interessar-se por questões até elle desprezadas, como fossem as estradas, caminhos e direcções por onde se fez o povoamento do paiz, a mutua e intima união entre a geographia e a historia, as primeiras industrias coloniaes, etc., etc. Pena é que os escriptos do autor andem esparsos em jornaes e periodicos, sendo apenas de mais facil consulta as eruditas notas que poz a edições de Anchieta, Cardim e Frei Vicente do Salvador. »

Merecem menção Theodoro Sampaio, um pesquisador curioso, Teixeira de Mello e Xavier da Veiga que, com as suas *Ephemerides*, tanto concorreram para elucidar pontos obscuros da nossa historia.

Entre os mais recentes destaca-se supe-

riormente Oliveira Lima com avultada contribuição. A sua obra *D. João VI no Brasil* deu-lhe posto eminente entre os nossos historiadores. Na tribuna das conferencias, aqui e no estrangeiro, onde tem feito valiosa propaganda do Brasil, o illustre diplomata pernambucano revelou-se um patriota extremoso.

Os seus estudos historicos não são simples analyses de figuras, feitas no gabinete, á luz da lampada : as personagens apparecem no meio proprio e, em torno dellas, move-se a população, agita-se a vida, crescem as cidades, ferem-se as lutas, intrincam-se as intrigas, debatem-se questões.

Não é um mero arrolador de documentos que os põe em ordem, é um animador do passado que refaz, com fidelidade, as epochas antigas dando-nos a impressão do que foi.

As qualidades do dramatista que existem no historiador foram habilmente aproveitadas na peça *O secretario d'El-Rey*.

Além dos trabalhos historicos de porte Oliveira Lima tem publicado grande numero de monographias interessantes, impressões de viagens notabilisando-se, em tal genero, a que tem por titulo : *No Japão, impressões da terra e da gente.*

As conferencias que fez na *Sorbonne*, sobre o haverem imposto á admiração européa, tornaram-no credor da gratidão dos seus compatriotas, não só pelo que explanou da historia brasileira, como por haver divulgado nos grandes centros europeus o nosso progresso e a nossa cultura.

Se tentassemos desenrolar uma lista dos que se ostentam na imprensa com ares categoricos e soberba arrogancia esthetica fazendo e desfazendo reputações teriamos necessidade de dar um indice á parte, para uso exclusivo dos colleccionadores, afim de que esta obra não se tornasse de difficil transporte.

A critica, entre nós, é o arranque dos que começam — alguns partem do soneto, raros arremettem ao conto, a maioria irrompe ferozmente da critica e ai! dos que encontra pela frente. O mocinho, que estréa na imprensa, só ambiciona a nomeada e o meio de conseguil-a em pouco tempo é sahir de arma em riste contra os consagrados. Não trata de adestrar-se em estudos, basta-lhe a ousadia e arroja-se.

E' assim que para a critica da pintura, da musica, das letras fervilham bisonhos lan-

çando da empafia as mais disparatadas sentenças, açacanhando com epithetos definitivos ou elevando á genialidade. Os *novos* são sempre assombros, os velhos não passam de mediocridades carunchosas, que devem ser retiradas da circulação em beneficio do que chamam Arte, com maiuscula.

O mal não é exclusivamente nosso, honra nos seja! René Doumic observou-o em França.

Essa « ardorosa » critica não tem valor e vive minutos na vaidade do louvado ou no sorriso do injuriado. Passa, desapparece sem deixar vestigio na opinião publica. A critica superior, de fundo, essa é recente : começa com Sylvio Romero, Tobias Barreto, Araripe Junior e José Verissimo.

Os dois primeiros, estribados nos mesmos principios, analysam substancialmente o que lhes cahe sob os olhos, applicando o processo minucioso, mais preoccupados com o fundo essencial do que com o revestimento : só a obra e o momento lhes interessam.

Pensando com Guyau « collocam-se no ponto de vista em que ficou o autor para examinar e julgar o trabalho ».

Araripe Junior, artista de raça, discipulo de Taine, não se contenta com o que vê :

procura as origens, rebusca os factores. Vai á infancia do escriptor, estuda o meio em que se desenvolveu, a sua hereditariedade psychologica, os principios da sua educação, indagando de tudo que tenha influido no seu espirito, concorrendo para a sua formação esthetica. A forma é, para elle, um valor. Os primeiros têm farta messe, tocaram em multiplos assumptos, em uns, de leve, em outros aprofundando.

O segundo, além do admiravel *Perfil de José de Alencar* e da monographia, algo fantasista, sobre Gregorio de Mattos, publicou retrospectos litterarios de alto merecimento.

Os seus artigos, espalhados em jornaes e em revistas, são preciosos estudos nos quaes sempre se revela um insigne analysta de não vulgar erudição e requintado gosto.

Sylvio Romero é um dos nossos mais apaixonados nacionalistas. Em toda a sua obra avultada ha um grande e forte sopro de patriotismo. Com a *Litteratura Brasileira* veiu despertar o interesse pelo estudo da nossa evolução, determinando as differentes phases do progresso da intelligencia brasileira e consubstanciando toda a riqueza poetica da Patria. Deve-se-lhe igualmente a pri-

meira tentativa de compilação do nosso *folk-lore*.

Como polemista mostrou-se de rija envergadura nas discussões renhidas que manteve com Theophilo Braga e Valentim Magalhães.

Poucos são os homens entre nós que se preoccupam com estudos indigenas, a lingua, a lenda, o fabulario, os cantares; entre elles devemos mencionar o erudito Baptista Caetano, Capistrano de Abreu, Barbosa Rodrigues, Mello Moraes Filho e José Verissimo.

Este ultimo, autor de varias monographias eruditas, além das *Scenas da vida amazonica*, assumiu a direcção da critica litteraria e tem-na exercido com incontestavel competencia. Accusam-no de sempre querer estabelecer confrontos entre autores e de impôr a sua visão a todos, descendo, muitas vezes, a pormenores insignificantes e a observações impertinentes. A sua opinião, porém, é respeitada e isso attesta o prestigio que elle soube crear para o seu nome.

Medeiros e Albuquerque é um critico pittoresco. Vê claro e diz, com segurança e precisão, sobre o merito dos trabalhos submettidos á sua apreciação tendo a facilidade de

com uma curta phrase, impôr um artista ou abysmar un pretencioso.

Ao grupo dos criticos, que poderiamos chamar philosophicos, pertencem Arthur Orlando, Tito Livio de Castro, Clovis Bevilacqua, Eduardo Prado...

Valentim Magalhães foi mais um polemista litterario, um agitador, e deu d'isso prova nas *Notas á margem*, secção que manteve na *Gazeta de Noticias*, e que marcou o periodo mais brilhante da sua vida litteraria.

Leopoldo de Freitas, versado nas litteraturas estrangeiras, é um vulgarisador de talento — a sua critica é sempre um pretexto para interessantes dissertações litterarias.

Na critica theatral, genero em que se ensaiam os estreantes, Arthur Azevedo manteve o primeiro posto. Ainda que, pela sua natural bondade, procurasse sempre um motivo para relevar defeitos e desculpar os erros, guiou autores e actores e gozava de prestigio real entre os que se dedicavam ao theatro.

Notabilisou-se principalmente pela campanha em prol do theatro brasileiro e não ha negar que muito se lhe deve nesse sentido.

Rodrigues Barbosa e Oscar Guanabarino, ainda que mais se especialisam na critica

musical, occupam-se competentemente de assumptos dramaticos e os seus juizos calam na opinão.

Criticos de arte, além de Gonzaga Duque Estrada, autor de um livro primoroso, o mais completo que possuimos sobre o assumpto —*A arte brasileira*, não conhecemos outro autor que, em tal genero, tenha conseguido impor-se. Os folhetinistas, em geral, escrevem de arte, commentam-na, emittem juizos, mas são passagens de chronica que não representam feição de especialista.

Tomamos ainda a Sylvio Romero a synopse da evolução philosophica com a qual será rematado o presente capitulo.

« I. —Espiritos educados em fins do seculo passado e começos do actual nas doutrinas do sensualismo francez de Destut de Tracy e Laromiguière, que passaram depois para o eclectismo espiritualista de Cousin e Jouffroy (1800—1858) sendo os mais notaveis Mont'Alverne, Eduardo França ;

II. —Puros sectarios do eclectismo, cujos principaes foram Gonçalves de Magalhães, Moraes e Valle (1858—1868) ;

III. — Reacção puramente catholica em Patricio Moniz, Soriano de Souza, nos mesmos tempos da segunda phase ;

IV. — Reacção pelo agnosticismo evolucionista, com Tobias Barreto, a que se juntaram Arthur Orlando e outros (1868—1889);

V. — Corrente positivista a Littré com Luiz Pereira Barreto, a que se podem juntar Martins Junior, Souza Pinto e outros, pelos mesmos tempos do periodo antecedente;

VI. — Corrente positivista orthodoxa com Miguel Lemos, Teixeira Mendes e em parte Benjamin Constant e Annibal Falcão, por igual tempo desde 1880 até agora;

VII. — Corrente spenceriana com Sylvio Romero, Clovis Bevilacqua, etc. (ultimos tempos);

VIII. — Corrente puramente materialista häckeliana com Guedes Cabral, Fausto Cardoso, Tito Livio de Castro, Oliveira Fausto e Marcolino Fragoso (ultimos tempos);

IX. — Tentativas independentes de Estellita Tapajoz e R. Farias Brito, já d'antes precedidos sem igual esforço pelo visconde do Rio Grande. »

As idéas originaes sob o ponto de vista philosophico não abundam entre nós. Faltanos a tranquillidade necessaria para as altas cogitações — somos um povo de fantasistas, e a abundancia de poetas é d'isso uma prova cabal.

A propria natureza embriagadora, com a sua pompa variegada, o sol forte, de uma luz intensa e calida, as visões sempre novas, a alegria pagan do meio em que vivemos, não consentem que nos aquietemos para a meditação.

A nossa philosophia é toda de adaptação: assimilamos como podemos. E' um respigar em campos differentes: este, no materialismo, aquelle no espiritualismo, todos em searas alheias e, com o que colhem, fazem o chamado « pão do espirito » com o qual fingem nutrir-se, mas, em verdade, todos vivem ainda d'esse manná que nos manda o ceu azul, ao qual chamaremos sonho, que é a leve substancia com que se alimentam, não só os intellectuaes, como o proprio povo, ainda supersticioso e simples, credulo e cerebrino.

## 2.ª Phase romantica.

Byron, com o seu satanismo, Musset com a sua melancolia vieram influir no Brasil, em tempo dos mais prosperos para a intelligencia nacional.

Justamente no periodo do mais intenso fulgor romantico, S. Paulo era uma cidade propicia ao desenvolvimento das idéas apregoadas pelos revolucionarios da escola victoriosa.

O estudante era o donatario da terra que, se estendia nas eminencias ou nos valles, cercada de bosques, cortada de lentos rios e corregos sobre os quaes inclinavam-se arvores acenosas.

Os muros, que se prolongavam distanciando as casas, eram de taipa ; as construcções pesadas e sombrias.

Mal entardecia as ruas ficavam desertas. A illuminação, escassa e tibia, era ainda abrumada pela garôa fria.

Das *republicas* sahiam, então, as serenatas percorrendo as ruas, enchiam-se as bodegas

e as tascas, como o famoso *Corvo* tradicional, e á luz das lampadas fumarentas, abancados a mesas sordidas, os poetas desafiavam-se ao improviso, rimando estrophes ou recitando episodios de imaginarias aventuras tragicas.

Os amorosos requeriam combates para que as suas amadas podessem louvar-lhes a coragem e, como o Lord da *Parisina* e o contemplativo de *Namouna* houvessem cantado o vinho como dissipador de maguas, não eram raros os que, ao dealbar, nas frias manhans de nevoa, recolhiam zig-zagueando, com as roupas em desalinho, ainda murmurando versos de maldição.

Ha um romance — *Genesco* — em que são contadas muitas scenas da vida paulista nesse tempo, e faria obra meritoria quem a descrevesse com fidelidade, pondo em relevo uma epocha de grande fervor litterario.

O grupo que se impõe tem á frente o genial Manoel Antonio Alvares de Azevedo (1831-1853).

Muito moço e já versado em varias litteraturas, o poeta fluminense matriculou-se em S. Paulo e reuniu em torno do seu espirito a fina flôr da geração litteraria, constituindo uma trindade bohemia, com Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa.

Melancolico como Musset, Alvares de Azevedo via a natureza e a vida atravéz da sua tristeza doentia.

Impressionado pelos grandes poetas occidentaes e imbuido das idéas antigas bebidas nos classicos, foi na Poesia um revolucionario : o seu verso não é uma simples plangencia vaga, é uma queixa justificada. São poesias presagas, é a morte que as inspira.

Muitos dos seus poemas, como *Macario* e essas estranhas narrativas da serie intitulada *A noite na taverna*, têm um forte sabor byroniano temperado com o mel venenoso de Musset.

Mas a pujança do talento do autor de *Euthanasia* revela-se não sómente na creação como na analyse. A sua visão de critico era exacta, posto que a sua esthetica sombria empannasse toda a felicidade com a nevoa.

Conhecendo profundamente a lingua em que modelava as suas idéas, impõe-se, na litteratura brasileira, como um classico, e é um dos mais bellos exemplos de precocidade da nossa patria. Aos vinte annos desappereceu deixando uma valiosa bagagem, da qual será difficil destacar um primor, porque tudo é primoroso.

Aureliano Lessa (1828-1861) morreu moço,

tendo deixado composições de varios generos, desde a simples cantiga, ao gosto campesino, até a elegia de molde severo, affectando a maneira classica.

Bernardo Guimarães (1827-1885), mais notavel como romancista, foi na poesia um dilettante — entre a *Orgia dos duendes*, composição macabra, e o *Diluvio de papel*, fantasia humoristica, ha um abysmo. Não foi um filiado — seguia a imaginação, deixando-se arrebatar á altura ou consentindo, sem protesto, em seguil-a no charco, se ella entendesse leval-o.

Luiz José Junqueira Freire (1832-1855). Lyrico dos mais simples, sem descahir na banalidade, o poeta bahiano que se viu opprimido pela abstenção religiosa quando toda a sua alma era pela liberdade, foi um menestrel, ora cantando a suavidade da vida rustica, ora deixando ir em confidencias sentimentaes as tristezas que lhe assoberbavam o coração.

Mais espontaneo que o precedente e um dos maiores lyricos brasileiros que, a bem dizer, só teve uma escola e foi a do sentimento, Casimiro de Abreu (1837-1860) é, ainda hoje, o poeta mais popular do Brasil. A sua linguagem facil, revestindo pensamen-

tos simples, traduzindo a melancolia, a saudade, interessam ao povo, que se sente interpretado pelo ingenuo poeta.

Não ha nas *Primaveras* surtos, nem o autor podia alcandorar-se : o seu vocabulario não ia além do vulgar, a sua leitura era escassa — foi sempre, e esse é o seu merito maior, um subjectivo.

A sua musa não ia buscar inspiração em circulos de vates, contentava-se com a corrente nascida no coração do poeta e nella abeberava-se.

Passando por Pedro de Calazans, Bittencourt Sampaio e Franklin Doria, chegamos a Luiz Nicoláo Fagundes Varella.

Typo de indisciplinado, viveu em nossos dias como viveu Villon, o bohemio. Teria marcado uma epocha se não dissipasse a mocidade em orgias, gastando-se na embriaguez e nas vigilias.

Ha certos homens que procuram o soffrimento, comprazem-se em gemer, em apparentar miseria, não tendo lar, nem sabendo o destino que tomarão á hora do descanço.

Fome, soffrem-na sem queixa, contentam-se com quaesquer farrapos e aos que, por amisade, lhes observam que devem cuidar, com mais zelo, da saúde e do corpo, res-

pondem com superior indifferença — que são poetas.

Varella não era um *poseur*, era um descuidado. Poeta de raça, deixou composições admiraveis, posto que a fórma revele sempre o deleixo, como reflectindo a despreoccupação do autor.

Nos *Cantos do ermo e da cidade* ha muita frescura e uma originalidade que caracterisa a individualidade do mallogrado lyrico.

No poema *Anchieta*, o seu genio divulga-se, todo o seu estro rebrilha, ainda que os adversarios do verso branco o condemnem pela falta da rima.

Trajano Galvão — (1830-1864), maranhense, foi um dos primeiros que se deixaram commover pela sorte do escravo negro. A sua voz transmittiu os gemidos da raça opprimida e a sua lyra, suavemente afinada, resoou as nenias e as elegias ouvidas no campo, aos miseros, quando a saudade pungia-lhes o coração. Foi o primeiro poeta verdadeiramente abolicionista.

Antonio de Castro Alves (1847-1871) bahiano. Não tem a poesia brasileira poeta que a represente com mais sinceridade do que o fogoso e apaixonado autor das *Espumas fluctuantes* — é um perfeito producto

do meio e do tempo, um genio da raça reflectindo uma epocha. Increpam-no de irregular, notam-lhe imperfeições o que, porém, ninguem ousa negar-lhe é um grande, soberbo estro, um enthusiasmo árdego nos surtos, uma exuberancia tropical na imagem.

Os seus cantos têm, por vezes, arrebatamentos que surprehendem, trópos que parecem exaggerados, hyperboles desmedidas; lembram o viço transbordante da nossa natureza que não se submette a disciplinas de trato.

E' um poeta de era nova e os seus poemas, como os da India primitiva, revelam uma força virgem, explodem em assombros, enramam-se frondosamente, tem o mesmo intrincado sumptuoso do Ramayana hindú.

A influencia omnipotente de Hugo reflecte-se na obra do poeta bahiano — é a mesma grandiosidade, são os mesmos sentimentos generosos, o lyrismo afina-se pelo diapasão do colosso romantico.

Foi o poeta da natureza e da liberdade — os seus poemas da escravidão tornaram-no o precursor do grande movimento. A sua lyra poz em marcha a idéa, foi um dos que, com mais denodo, conduziram o Povo para o ideal formoso. Sylvio Romero prefere a

poesia de Tobias Barreto á de Castro Alves — o povo discorda do grande critico e eu entro na multidão, com pena de apartar-me do mestre, cuja palavra sempre respeito. Castro Alves é o poeta da mocidade e assim o apresentou, nos esplendores do seu estylo, o forte autor dos *Sertões*.

« ... O seu renome é excepcional e curiosissimo: todos nós o admiramos até aos vinte e poucos annos; depois o esquecemos. Esquecemol-o ou repudiamol-o. E' uma gloria que intermitte no rythmo das gerações successivas.

Tem este traço expressivo : adormenta-se, ou restringe-se, no breve curso da nossa vida individual, e prolonga-se sem fim, restaurada de anno a anno, sempre maior, nascendo, resurgíndo e avultando, no nascer, no resurgir e no avultar da propria sociedade. E' como a luz, perpetuamente moça.

Não dura a vida de um homem e é eterna. Exige almas ardentes e a intrepidez varonil da quadra triumphal em que andamos pela vida na garbosa attitude de quem offerece o molde de sua propria estatua, como obscuros e antecipados grandes homens, vivendo no futuro, para onde nos leva o arrebatamento de todas as esperanças.

Não a comporta a alma esmorecida dos velhos, ou o juizo rectilineo do homem feito. Quando não a sentimos mais, imaginamos que ella se extinguiu, como se a noite fosse o apagamento do sol, e não foramos nós que mergulhassemos, como a terra, na nossa propria sombra, inscientes dos resplandores que, na mesma hora estão cahindo sobre as outras zonas e sobre as novas gentes.

Desta maneira ella vai passando, feita a herança sagrada das juventudes que se acabam; e perennemente immovel no oriente da vida nacional, a refulgir nos mesmos cerebros juvenis, nos mesmos olhos recem-abertos á existencia, nos mesmos sonhos ovantes dos homens de uma mesma idade, é, de facto, immortal, porque diante della se verifica uma especie de immobilidade do tempo. »

Aos parciaes de Tobias, que tão severamente accusam o poeta dos *Escravos* de empolado, recommendamos a poesia estrondosa dos *Dias e noites* na qual o defeito apontado do poeta bahiano abarrota as estrophes tornando-as, por vezes, modelos balofos de gongorismo.

Allega-se que o pensador de *Escada* vale muito mais do que o cantor da *Adormecida*

por ser um portador de idéas, philosopho como lhe chamam. Baudelaire deixou-nos um canon poetico com o qual concordamos integralmente (1).

José Bonifacio de Andrade e Silva, Pedro Luiz, Joaquim Serra, Mello Moraes Filho, Elzeario Pinto constituem o grupo dos poetas menores d'esse tempo, todos mais ou menos impressionados pela grande musa revolucionaria do gigante da *Légende des siècles*.

Luiz Delphino dos Santos, medico de Santa Catharina. Imaginação de prodigiosa fecundidade ninguem o excedeu na producção poetica, toda ella brilhante ainda que, uma ou outra vez, por menor cuidado, o

---

(1) La poésie, pour peu qu'on veuille descendre en soi-même, interroger son âme, rappeler ses souvenirs d'enthousiasme, n'a d'autre but qu'elle-même; elle ne peut pas en avoir d'autre et aucun poème ne sera si grand, si noble, si véritablement digne du nom de poème, que celui qui aura été écrit uniquement pour le plaisir d'écrire un poème.

..... Ainsi le principe de la poésie est, strictement et simplement, l'aspiration humaine vers une beauté supérieure, et la manifestation de ce principe est dans un enthousiasme, un enlèvement de l'âme, enthousiasme tout à fait indépendant de la passion, qui est l'ivresse du cœur, et de la vérité, qui est la pâture de la raison.

C. Baudelaire.

verso sôe frouxo ou aspero, a imagem appareça obscura, como nublada.

Lyrico de rara inspiração não raro levanta-se em vôos epicos, pairando em altura de onde, com vista larga, abrange a humanidade e canta-lhe as victorias.

Reuniu, segundo affirmam os seus intimos, mais de duas mil composições de fórma varia, entregando aos editores Laemmert e C.ia quinhentos sonetos que deviam apparecer, constituindo o primeiro volume da sua obra.

O incendio da typographia da Empresa levou o thesouro, do qual o poeta descuidado não conservara copia.

Não será difficil reunir a poesia esparsa de Luiz Delphino e, com o que ficou, poderão os herdeiros do seu nome glorioso dar ás nossas letras um monumento que torne perenne a fama do poeta que, em vida, era tido como o representante maximo do lyrismo.

A poesia scientifica, além dos ensaios socialistas de Mathias Carvalho, só teve um representante entre nós em Martins Junior.

## Parnasianos e decadentes.

Com Machado de Assis, espirito de disciplina classica, a poesia manteve-se rebalsada no puro lyrismo, ainda lamartineana; mas a reacção franceza, forçando as comportas e espalhando universalmente as novas formas, fez adeptos entre nós.

O genio avassallador de Victor Hugo, as regras caprichosas de Banville, o requinte artistico de Gautier, o pessimismo de Baudelaire e, por fim, o canon dos parnasianos, deram uma vasta irradiação á poesia brasileira. Os sons variaram, e, despeada das cadêas que a forçavam a um rythmo isóchrono, a poesia tornou-se polyphonica, concorrendo cada poeta com a sua maneira propria, com o seu sentimento natural, sem apego a principios, sem subserviencia a methodos. Arthur Azevedo surgiu com o seu humorismo facil, Adelino Fontoura, Fontoura Xavier exercitaram-se nos funambulismos banvilleanos, Mucio Teixeira, com a lyra ainda afinada no diapasão dos lakistas, alevantou-se por vezes, em surtos condoreiros.

Mas a grande Escola, que exige para encarnar a idéa o verso torturado, de perfeição artistica sem jaça, como uma obra de ourivesaria, essa só appareceu com os discipulos de Leconte que tão alto levantaram o culto esthetico, aperfeiçoando a fórma, apurando a linguagem poetica, caprichando na rima de uma riqueza, por vezes, peregrina.

Os maiores poetas desse grupo são : Theophilo Dias, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Luiz Murat, Vicente de Carvalho, Francisca Julia, Emilio de Menezes, Guimarães Passos, Affonso de Guimarães, Antonio Salles, Martins Fontes, Humberto de Campos, Goulart de Andrade, Thomaz e Oscar Lopes, Leal de Souza, Olegario Marianno, etc. Theophilo Dias, sobrinho do cantor dos *Tymbiras*, foi dos primeiros alistados na escola parnasiana e a publicação, em S. Paulo, do seu volume *Fanfarras* marca o inicio da nova phase da poesia brasileira.

Raymundo Corrêa foi companheiro do precedente e com elle entrou na liça destacando-se desde logo pela factura admiravel do verso, até hoje não excedida.

Os seus admiraveis sonetos servem de modelo, são apontados como obras primas; poesias suas, como a *Ode parnasiana*, podem

emparelhar, no lavor artistico, com as peças mais admiraveis dos lavrantes mais subtis do verso onde quer que a fórma tenha merecido os cuidados que levam á perfeição.

Olavo Bilac, com o vigor do seu temperamento apaixonado, um sensualista, não foi jamais infiel á profissão de fé artistica com que se apresentou no campo litterario. É não só um dos de mais rica imaginação como um dos mais eximios buriladores da estrophe.

Alberto de Oliveira tem a austeridade de Leconte.

Luiz Murat é um ardoroso, com surtos épicos, mas realmente grande quando fica na sua espontaneidade lyrica. É, talvez, o mais imaginoso de todos, virtude que se torna em prejuizo pelo abuso que d'ella faz o poeta compromettendo, muitas vezes, a clareza da composição.

Vicente de Carvalho é um perfeito ourives, trabalhando o verso que lhe sahe das mãos rutilo e cantante, sobra-lhe sentimento nas estrophes de um cunho accentuadamente brasileiro, quasi dizemos regional.

Emilio de Menezes, um torturado, como que se apraz em gravar os seus versos em lápides funereas.

A sua musa é a Melancolia, a flora dos

seus cantos é a que viça entre tumulos. Entretanto, despido o sudario, outro poeta apparece no autor da *Marcha funebre*, lembrando, na physionomia litteraria Gregorio de Mattos. E o contraste impressiona.

Guimarães Passos, inclinado á maneira simples dos antigos, lembra, por vezes, um dos poetas do Cancioneiro de Rezende.

Francisca Julia e Julia Cortines são artistas de rara perfeição. Goulart de Andrade, Humberto de Campos, Martins Fontes, Leal de Souza, Thomaz e Oscar Lopes são hoje os mais brilhantes cultores do verso.

Entre os parnasianos, pelo respeito que consagram á fórma, devem ser incluidos os mysticos, os « oracionaes », como o melancolico Alphonsus de Guimarães e o impetuoso P.e Severiano de Rezende, tão copioso na imaginação quanto é requintado na factura.

Bernardino Lopes, com a sua poesia que fez epocha, chamada dos *Chromos*, simples, ligeiras descripções de episodios domesticos, scenas de campo, fez-se, mais tarde, heraldico, celebrando amores galantes com fidalgas, idyllios á sombra de bosques senhoriaes, caçadas e passeios sempre em companhia de damas de alta estirpe.

O que o torna original e bizarro é a preoc-

cupação das rimas preciosas, e ficaría como um poeta original se não se deixasse impressionar pelo Junqueirismo, tão funesto á poesia brasileira.

Cruz e Souza, o negro, é o chefe da escola dos revoltados.

Os seus versos, bem superiores á sua prosa abstrusa, feita só de palavras soantes, sobre serem harmoniosissimos, trazem o protesto da raça humilhada, a dôr dos que soffreram, a angustia dos opprimidos.

É a grande lyra dos despeitados tangida por um obnubilado.

Desattendido dos homens, votou-se á natureza, celebrando, em hymnos formosissimos, o sol, os mares, a floresta, as noites.

Verdadeiro poeta, foi o unico representante authentico da raça negra na Arte verbal, entre nós.

Deixou grande numero de discipulos, nenhum, porém, podia continuar a sua esthetica, ainda que tivesse o seu talento, porque não soffria a sua dôr, não se resentia do desprezo que foi a magna fonte da sua inspiração.

Esta é a poesia nas suas linhas geraes, mostrada pelos seus principaes representantes.

## A prosa.

Não foi só na poesia que se deu a reacção da cultura artistica, tambem os prosadores, a exemplo dos mestres franceses, que sempre nos serviram de guias, trataram de apurar a forma, escoimando a linguagem, esmerando-se no alinho da phrase.

A' frente dos novellistas da segunda phase avulta a figura singular de Machado de Assis. Vinha dos romanticos e, com elles medira-se sem arrogancia, discreto, insinuando a sua obra, de um cunho nobre e purissimo, na producção mal amanhada dos romancistas em voga.

Não escrevia para fazer publico, indifferente aos applausos da multidão, á gloria ephemera do louvor das « rodas ». Trabalhava conscienciosamente, construindo com material robusto, para que a sua obra resistisse ao tempo e estreme na linguagem, de sabor classico, subtil na analyse, ironico no commentario, vago nas conclusões, destacou-

se, a pouco e pouco, e, quando os do seu tempo desappareceram submergindo-se na onda avassalladora da nova corrente litteraria, elle surgiu á tona, não mais como uma figura secundaria, mas como um mestre acclamado por todos os que se alistavam nas letras, fosse qual fosse a escola que seguissem.

Os seus livros de maior nomeada são os da serie do pessimismo-humoristico, segundo a classificação de Sylvio Romero : *Braz Cubas*, *Quincas Borba*, *D. Casmurro*, *Varias Historias*, *Esaú e Jacob*, etc.

Machado de Assis deixou uma obra vasta e homogenea — é, talvez, dos escriptores brasileiros o unico que se traçou um programma, dentro d'uma philosophia, mantendo-se-lhe fiel até a ultima hora.

O seu theatro não tem relevo, nelle, porem, aproveitam-se certas figuras e a linguagem, de uma distincção antiga.

Perlustrando a imprensa nella deixou primorosas chronicas e commentarios finissimos.

Não creou discipulos — a sua maneira, intensamente pessoal, não é das que se apprehendem com facilidade. Viveu sempre á parte, como escriptor de elite — acatado e admi-

rado pelos intellectuaes, mas desconhecido do povo.

Falta aos seus romances a doçura que attrahe : a sua obra é toda de gabinete, estudos magistraes, de uma technica superior — monographias d'almas só para os que se dedicam ás pesquizas psychologicas.

E' um secco, indifferente á natureza, subordinando a vida ao homem e enfeitando os seus periodos com o sorriso, que é a flor da alegria, ou eriçando-os de ironias.

Ha de ser sempre, na litteratura, um ser á parte, visitado cultualmente pelos que peregrinam em demanda de bellezas ou para buscarem os fios puros da linguagem.

Pedro Rabello, o poeta da *Opera lyrica,* nos contos de *Alma alhèia,* procurou approximar-se do mestre, mas só conseguiu reflectir certos dizeres vagos, de uma hesitação dubitativa, que caracterisam os typos do vigoroso prosador.

Aluizio Azevedo, chefe incontestavel do movimento naturalista, desde o seu primeiro romance *O mulato,* publicado no Maranhão, revelou-se um observador profundo.

Estreou muito moço, quando ainda estudava os autores e, abandonando o meio tran-

quillo da provincia, attrahido pela grande vida da capital, entrou no turbilhão, produzindo para viver, consumindo todas as horas na escripta, sem tempo para leitura.

Um romance de Balzac ou de Emilio Zola, paginas de Daudet ou de Stendhal foram os cabedaes que teve o escriptor maranhense.

Estudava na natureza, na multidão, acompanhava as suas figuras, não imaginativamente, mas nas ruas, nas tascas, onde quer que o destino as levasse e, com um vigoroso poder de expressão, ainda que pouco abastecido na linguagem, transferia-as para o livro, movendo-as na acção, sempre tomada nos factos da realidade como é, por exemplo, o da *Casa de pensão.*

Nos contos, que os tem magnificos, divaga, algumas vezes, na fantasia. Mas a sua força, como a de Antheu, vem-lhe da terra, as suas obras mais fortes são as observadas, as personagens que mais impressionam nas suas narrativas são as que elle destacou do tumulto humano.

Na corrente naturalista passaram Julio Ribeiro com *A carne*, Adolpho Caminha com *A normalista,* Heitor Guimarães, Affonso Celso Junior, Valentim Magalhães, Arthur Lobo, Figueiredo Pimentel, Pardal Mallet,

Domingos Olympio, Antonio Salles, D. Julia Lopes de Almeida, Zepherino Brasil, etc.

No romance idealista sobresahem Virgilio Varzea, o nosso unico marinhista, á maneira de Cooper, Gonzaga Duque e Nestor Victor. O psychologismo puro tem no romance um unico representante, Raul Pompeia, com o seu admiravel *Atheneu*, uma das mais fortes manifestações da nossa vitalidade litteraria. Nas *Canções sem metro*, quadros a negro, no gosto dos poemas de Leopardi e dos poemas em prosa de Baudelaire, Pompeia revelou o seu pessimismo ironico.

Nas mais recentes publicações da nossa novellistica nota-se accentuadamente o cunho nacional — os escriptores, desilludidos da imitação, recolhem-se á patria inspirando-se na sua historia, nas tradições, na sua natureza opulenta, nos costumes da sua gente. Pode-se affirmar — e nisto vai um louvor aos precursores : indianistas, como Alencar, sertanistas como Franklin Tavora, Bernardo Guimarães e Taunay — que essa revolução vem da propria terra — é dos vastos sertões, é da campanha, é das serras que desce a corrente nacionalista.

Quem escreve estas linhas entrou na litteratura como narrador de contos fantasistas,

mas, pouco depois, apresentou-se como sertanejo e foram as suas almas barbaras que mais lhe alhanaram o caminho, que o publico tornou facil e onde sempre encontrou quem o escutasse, embora se affirme que o nosso leitor só attende aos que lhe falam do boulevard e das coisas de Paris.

Affonso Arinos impoz-se victoriosamente com o seu volume *No sertão*.

Rodolpho Theophilo, apezar do descuido de linguagem, é sempre recebido com interesse quando surge com um dos seus romances cearenses, onde a verdade é flagrante e as figuras vivem sem artificio.

Xavier Marques, o honesto escriptor bahiano que tão bem nos descreve a vida dos praieiros e ultimamente Alcides Maya, o robusto romancista gaucho que no romance *Ruinas vivas* e nos contos d'*A Tapera* revelou-se um colorista de tempera dando-nos paizagens e costumes pampeanos de uma nitidez a Fromentin nas perspectivas largas e nos pormenores muidos, seguem a mesma corrente.

A vida da cidade tem tambem encontrado quem a estude e descreva em paginas primorosas. Afranio Peixoto, na *Esfinge*, Goulart de Andrade na *Assumpção*, Lima Barreto,

Thomaz Lopes, Paulo Barreto e Julia Lopes de Almeida, uma organisação superior de artista, são outros tantos autores que muito têm feito pela novella, apresentando nellas, dentro da moldura estupenda da natureza que nos cerca, figuras que nos são familiares. Nos Estados, ainda que vagarosamente, vai o romance fazendo a sua marcha : na Bahia Almachio Diniz, um polygrapho de rara actividade, tem publicado livros de merecimento, Antonio Lobo e Domingos Barbosa no Maranhão, Flexa Ribeiro no Pará, Raul de Azevedo no Amazonas.

O conto progride entre nós. Antigamente tal genero limitava-se á fantasia ou á imitação francesa de Catulle Mendès, Banville, Armand Sylvestre.

Maupassant foi como um sol que fez empallidecer a luz artificial dos precedentes. O grande exito dos livros do autor de *Une vie* fez com que o procurassem quantos trabalhavam o conto seguindo-lhe os modelos. E começou o novo periodo dos contos de observação local, com a descripção do meio, a analyse dos typos, os episodios da nossa vida, quadros, em summa, do que nos cerca.

Com o conto veiu a chronica, a principio puramente litteraria, com Machado de Assis,

Olavo Bilac, por fim a chronica de observação, a reportagem litteraria, genero, a bem dizer, implantado entre nós por Paulo Barreto, que nelle é inegualavel. No romance philosophico-social temos apenas o formoso livro *Chanaan,* de Graça Aranha.

Nas narrativas historicas impoz-se com uma obra soberba — *Os sertões* o poderoso estylista Euclydes da Cunha, um amoroso da terra, cujo sonho, interrompido pela traição, era escrever a historia da sua grandeza que jaz ignorada ao Norte.

As poucas paginas que nos deixou sobre a Amazonia fazem-nos lamentar a perda do poema que foi com elle para a morte e que se chamaria — *Um paraiso perdido.*

Seria um monumento de poesia em prosa, o elogio da terra virgem, e a glorificação dos trilhadores de florestas e dos que vogam nos rios desconhecidos.

Rodrigo Octavio tem tambem contribuido com valioso contingente neste ramo litterario e Capistrano de Abreu, cuja obra anda dispersa em jornaes e revistas.

## O theatro.

O nosso theatro, ainda que animado pelo espirito estrangeiro, reflectindo apenas costumes europeus, sem um traço da nossa vida, teve um momento glorioso, senão para a nossa litteratura dramatica, ao menos para a arte de representar, quando pisavam o palco do *S. Luiz* Furtado Coelho e Lucinda Simões.

Tinhamos, então, um elenco disciplinado e o publico affluia aos annuncios das peças de Dumas, de Sardou, de Pailleron, de Halévy traduzidas em Portugal ou por escriptores nossos.

Originaes brasileiros, poucos.

A comedia tinha os seus affeiçoados e dava fartos lucros á empreza quando começou, no Alcazar, a bambochata offembachiana.

O theatrinho da antiga rua da Valla, ponto preferido dos elegantes do tempo, attrahia o povo com a nudez dos coros femininos, com as *partituras* saltitantes, com a fantasia fescennina das operetas e com o

enxame alegre do mulherio que começava a forçar os costumes patriarchaes, escandalisando a cidade com o luxo pimpão dos trajos, com as maneiras desabridas, com a troça, com as orgias.

O genero buffo impoz-se.

Fechado o Alcazar abriu-se a *Phenix Dramatica* onde a opereta, luxuosa e interpretada por actores que honrariam o mais escolhido grupo dramatico, como Guilherme de Aguiar, Corrêa Vasques, Lisbôa, Arêas, Pinto e outros, alcançou exito extraordinario sob a direcção de Jacinto Heller.

Furtado Coelho, posto que sentisse o publico fugir-lhe, ainda insistiu no *Lucinda,* mas os dias do theatro serio estavam contados. Foi então que Dias Braga tentou impor a comedia brasileira. E appareceu França Junior triumphando com as peças de costumes *Como se fazia um deputado,* de *Petropolis a Paris,* as *Doutoras* e outras.

O gracioso escriptor, que inaugurara nos folhetins o estudo da vida fluminense, teve uma victoria facil no theatro e tornou-se o autor favorito do publico.

Arthur Azevedo, que não lográra vencer com *A joia,* foi acclamado na *Vespera de Reis.*

Parecia victoriosa a comedia brasileira e outros escriptores animaram-se a abordal-a como Moreira Sampaio, Oscar Pederneiras, Fabregas, Aluizio Azevedo que depois d'*O caboclo,* escripto com Emilio Rouède, atirou-se ao genero alegre nos *Macaquinhos no sotão.*

Mas a platea foi ficando deserta, os annuncios bombasticos não attrahiam e as companhias de opereta francesa, de zarzuelas hespanholas, não falando no theatro Lyrico, — que foi sempre a paixão maniaca ou vaidosa do nosso publico — tomavam todo o gosto da nossa gente.

Foi então que Dias Braga, archivando os originaes brasileiros, e recusando os que lhe offereciam, atirou-se á exploração do genero pantafaçudo, capa e espada, dramas extrahidos de romances celebres, como *O conde de Monte Christo* ou peças de arrancadas patrioticas, de sangueira, fuzilaria, catastrophes ou então magicas de scenarios ricos e visualidades estramboticas.

Encheu-se o Recreio.

Oppondo-se ao dramalhão surgiu o genero « revista » que fez epocha, reduzindo o nosso theatro á calaçaria em que devia apodrecer.

Infelizmente os que mais se deviam insur-

gir contra o abastardamento foram justamente os seus insufladores.

Arthur Azevedo, que teria sido um poeta dramatico superior, dedicou-se á revista e o exito do *Mandarim* fel-o o decidido defensor do genero. Acompanharam-no nesse desvio todos os escriptores do tempo: Moreira Sampaio, Oscar Pederneiras, Cardoso de Menezes, Lopes Cardoso, Valentim Magalhães.

O genero cahiu arrastando na queda as emprezas que o exploravam. Deu-se, então, a reacção provocada pelo Centro Artistico, tentando levantar o theatro dramatico e o genero lyrico nacional. Foram representadas, por iniciativa e esforço da mesma Associação, peças de Arthur Azevedo, Valentim Magalhães e Coelho Netto, cantaram-se operas de Leopoldo Miguez, Alberto Nepomuceno e Delgado de Carvalho. Mas o publico, trabalhado por certa imprensa, abandonou os esforçados trabalhadores e o theatro ficou no enxurdo, explorado apenas pelas companhias portuguesas de arribação, de longe em longe visitado por um grupo de comediantes franceses, italianos ou hespanhoes com uma celebridade encarnada em elenco mediocre.

Fazem-se agora tentativas corajosas e, se não faltar o favor official, talvez possamos,

em breve, applaudir na scena autores dramaticos de incontestavel merecimento como Goulart de Andrade, D. Julia Lopes de Almeida, Oscar Lopes, Roberto Gomes, Silva Nunes, João Evangelista, Carlos Goes, Lima Campos e outros.

A Escola Dramatica Municipal procura crear um nucleo de artistas para o futuro theatro Brasileiro e com bons interpretes, que não faltam escriptores, o publico voltará ao theatro e talvez possamos, em breve, dar ao estrangeiro que nos visita uma demonstração da nossa cultura apresentando-lhe no theatro o espelho da nossa vida, episodios da nossa historia, sonhos da nossa imaginação fogosa, lances de paixão ou suaves idyllios da nossa gente.

## A eloquencia.

É nos fins do segundo reinado que a oratoria se desenvolve. As grandes lutas parlamentares, os dias gloriosos da campanha abolicionista e os primeiros momentos da propaganda republicana, a grande effervescencia litteraria, a emulação no fôro, fazem surgir os oradores; uns calmos, persuasivos, discutindo com animo tranquillo os assumptos, raramente assomando-se em reptos violentos; outros impetuosos, agitadores, impondo-se á multidão, arrastando-á com o prestigio da palavra, com o esplendor das imagens.

É a palavra de José Bonifacio, o moço, culta e sobria; é a imaginosa facundia de Affonso Celso Junior, é a stentorica eloquencia de Silveira Martins.

Ferreira Vianna, um quasi mystico, orava com a solemnidade de um prégador que fosse brandamente levando a convicção, a fé aos espiritos; Joaquim Nabuco arrebatava com o seu ardor, e Ruy Barbosa, o preclaro, o

purissimo orador, tão limpido a pronunciar a palavra como a escrevel-a, tratando os seus discursos com o carinho de um verdadeiro artista, emociona e ensina, faz delirar e convence, e, se delicia aos que o vão acompanhando na perfeição do discurso pela escolha vocabular, pela composição harmoniosa do perido, pela clareza do conceito, pela magnificencia da imagem, domina o povo pela poderosa suggestão das suas estupendas phrases, sempre novas, sempre bellas, sempre puras.

Manoel Victorino, empolgante com o seu phrasear violento, tão impetuoso na tribuna como na imprensa, da qual foi um dos mais bellos ornamentos. Barbosa Lima, typo do parlamentar, claro, preciso, inflexivel.

Na tribuna dos comicios avultou a figura bronzea do grande heroe do abolicionismo — José do Patrocinio.

Se a sua linguagem não tinha a casticidade que torna sem par a de Ruy Barbosa, era mais fulgente — os seus periodos estrondavam, fulguravam como a lava vulcanica.

Quem os ouvia, na fascinação do momento, não os commentava — applaudia-os; era o clarão que deslumbra e que, produzido por velhos lenhos, ainda é admiravel.

Passado o encanto, a Critica póde descobrir os defeitos, póde mostrar que toda a magia foi conseguida com um material mesquinho; no momento o enthusiasmo cega.

A palavra do tribuno deve ser como a scenographia — nem convém que traga todo o desenho fiel e todas as côres exactas; o seu fim é um só — impressionar, e esse sempre o conseguiu o valente paladino da abolição.

Na pura fantasia tivemos um typo excepcional de orador — Paula Ney. Era a mesma eloquencia. Conversando naturalmente, as imagens jorravam-lhe em borbotões dos labios e, aquecendo-se a pouco e pouco, em breve era o orador que discorria, copioso e apaixonado ou humoristico, satyrisando. Foi um genio que se dissipou em palavras ao vento.

Lopes Trovão, Silva Jardim mediram-se, por vezes, na tribuna popular, defendendo ambos a mesma idéa — a Republica.

O primeiro, mais impetuoso, não possuia, como o segundo, o dom da clareza e da persuasão — era um propagandista, o outro era um apostolo,

Na tribuna litteraria, alem de Ruy Barbosa, sempre prodigioso, destacam-se Luiz Murat, Alcindo Guanabara, Olavo Bilac cuja palavra

quente, alada em surtos poeticos, arrasta ás conferencias o escol da nossa sociedade.

No pulpito, alem do benedictino Santa Catharina Furtado, do arcediago Paula Rodrigues, de monsenhor Brito e ultimamente do padre Julio Maria não apparecem outros nomes que possam figurar na lista onde fulgura o nome de Mont'Alverne.

## A imprensa.

Sem contarmos a ephemera tentativa de Antonio Isidoro da Fonseca que, em meiados do seculo XVIII, sob o governo de Gomes Freire de Andrade, montou uma typographia no Rio de Janeiro, tendo de a fechar por ordem do governo da metropole, podemos assignalar o anno de 1808 como sendo o da introducção da imprensa no Brasil.

Com a trasladação da côrte de Lisbôa em 1807, o material typographico, que fôra mandado buscar a Londres para a installação da imprensa regia na capital do reino, veiu ter ao Rio de Janeiro, graças aos cuidados do conde da Barca.

Foi com esse material que, por inspiração de D. Rodrigo de Souza Coutinho, ministro dos estrangeiros e da guerra, depois Conde de Linhares, D. João VI mandou estabelecer a imprensa que tomou o titulo de Impressão Regia.

O decreto que assignala o grande progresso traz a data de 13 de Maio de 1808.

Varias obras foram publicadas pela Impressão Regia, entre ellas a *Marilia de Dirceu*, de Thomaz Gonzaga; e o primeiro jornal que circulou no Brasil, *A Gazeta do Rio de Janeiro*, durando de 1808 a 1822, sahiu do seu prélo.

Até 1821 prevaleceu a censura prévia; abolida nesse anno teve a imprensa a sua liberdade e começou a desenvolver-se.

Em 1826, Emilio Seignot Plancher, francez, publicou o *Spectador Brasileiro*, que a 1 de Outubro de 1827 passou a denominar-se *Jornal do Commercio* e é o decano da nossa imprensa e hoje um dos mais perfeitos jornaes americanos.

Evaristo Ferreira da Veiga, na *Aurora* (1828-1835) revelou-se um publicista pujante, e o movimento politico do tempo foi grandemente devido á influencia poderosa da sua penna adestrada.

Houve, d'ahi por diante, uma verdadeira febre de publicidade — appareciam jornaes pleiteando causas, lutando por idéas e nos seus titulos transluzia o programma dos seus redactores.

No *Correio Mercantil* e na *Aurora Fluminense* escreveram Moniz Barreto, o visconde do Rio Branco, o conego Marinho, Inho-

mirim, Octaviano, José Maria do Amaral, Manoel de Almeida, Pinheiro Guimarães, Cesar Muzio e Tavares Bastos, o publicista das *Cartas de um solitario*.

N' *O Brasil* fulgurou o talento de Justiniano José da Rocha, um dos mais notaveis jornalistas brasileiros. Depois da *Actualidade*, jornal politico, de programma adiantadamente liberal, redigido por Lafayette Rodrigues Pereira, Flavio Farnese, Pedro Luiz Pereira de Souza e Bernardo Guimarães, a imprensa, impulsionada pelas idéas, começou a progredir, não só na capital do imperio como nas provincias.

A feição do jornal foi perdendo a austeridade ferrenha, modelando-se pelos principaes orgãos franceses, já na parte de informações, já nas secções doutrinarias e de litteratura.

Com tal feitio appareceram o *Globo* e o *Cruzeiro* com Quintino Bocayuva.

Foi em 1875 que Ferreira de Araujo lançando a *Gazeta de Noticias*, inaugurou no Brasil o verdadeiro jornal para o povo — dando-o por preço minimo e tornando-o interessante e pratico.

Acolhendo os escriptores, a *Gazeta* inaugurou o folhetim humoristico e de costumes

com França Junior e Thomaz Alves (Hop-Frog), a chronica politica com José do Patrocinio, a chronica litteraria com Ferreira de Menezes, Machado de Assis e Dermeval da Fonseca; deu os romances nacionaes e desenvolveu o noticiario com a reportagem intelligente.

Foi na *Gazeta* que se fizeram quasi todos os escriptores contemporaneos — Aluizio Azevedo, Olavo Bilac, o principe da chronica litteraria, Raul Pompeia, Domicio Gama, Magalhães Azevedo, Guimarães Passos, Paulo Barreto, etc.

O exemplo deu resultados magnificos e todos os jornaes modelaram-se pelo sympathico diario. Assim, *O Paiz* com Quintino Bocayuva; *O Diario de Noticias*, formidavel sob a direcção de Ruy Barbosa durante os dias mais ardentes da propaganda republicana; O *Novidades* com Alcindo Guanabara, um vigoroso jornalista, elegante na chronica, criterioso no ensinamento, vivo no commentario; *A Gazeta da Tarde*, fundada por Ferreira de Menezes, tornou-se, com José do Patrocinio, o baluarte formidavel do abolicionismo. O extraordinario jornalista deixou-a para fundar a *Cidade do Rio* e foi nesse jornal, cercado dos mais fulgurantes espi-

ritos da mocidade litteraria, que, em 1888, escreveu o glorioso canto de victoria saudando a sua idéa triumphante.

Acabou tristemente, quasi esquecido, o propagandista intemerato que fôra o idolo do povo, mas o seu nome vive na gratidão nacional e ainda esplende na imprensa, mantido, com garbo, senão na trincheira da polemica, na columna da chronica e no conto pelo seu herdeiro : José do Patrocinio Filho.

O *Correio da Manhã*, com Edmundo Bittencourt e Leão Velloso Filho, é um forte jornal de combate e, ao mesmo tempo, um dos mais escrupulosos na escolha da collaboração litteraria.

O *Jornal do Brasil* com Fernando e Candido Mendes e a collaboração primorosa de Carlos de Laet, um jornalista de raça, sempre vibrante, abordando todos os assumptos com a mesma firmeza, quer seja um incidente politico, quer seja uma manifestação artistica.

*A Imprensa*, de Alcindo Guanabara, *O Diario de Noticias* e os vespertinos. *A Gazeta da Tarde*, de Victor da Silveira, O *Jornal do Commercio*, da tarde, *A Noticia*, onde brilha o talento de Oliveira Gomes, *O*

*Seculo*, de Bricio Filho, *A Republica*, *A Tribuna*.

A imprensa litteraria desenvolveu-se com Valentim Magalhães na *Semana,* hebdomadario em que collaboraram quasi todos os nossos escriptores contemporaneos, entre os quaes era muito apreciado Urbano Duarte, um dos nossos mais jocundos humoristas. Foi desse tempo *A vida moderna*, de Luiz Murat e Arthur Azevedo.

As duas tentativas da *Revista Brasileira* falharam, apezar dos esforços e da dedicação de José Verissimo. *A Revista da Academia Brasileira* e a *Revista Americana* são publicações de vulto, collaboradas pelos escriptores mais notaveis que possuimos.

Actualmente são numerosas as revistas, competindo no texto e nas illustrações primorosas : *A illustração brasileira, Fon-fon, A careta*, *A revista da semana*, varias consagradas ao theatro e ao sport. Uma tivemos — *Kosmos* — que, sobre ser um archivo litterario, de subido valor, era um attestado do progresso das artes graphicas entre nós. Viveu pouco, mas deixou uma prova de que já podemos entrar em concurrencia com o que, de melhor, nos manda o estrangeiro.

A imprensa progride nos Estados, notada-

mente em S. Paulo, onde ha diarios como *O Estado de S. Paulo*, um dos melhores da Sul America, o segundo, talvez, da Republica, o *Correio paulistano*, *O Commercio de S. Paulo* e os vespertinos *A Platéa*, *O diario Popular*, além de jornaes italianos de grande circulação no Estado. Revistas technicas são innumeras na capital e nos Estados.

O jornal, sendo um campo de vulgarisação, é procurado com ancia, pelos escriptores que começam. Muitos adestrando-se na chronica, no conto tornam-se conhecidos e libertam-se em tempo, da faina consumptiva do dia a dia, dedicando-se, com vagar, ao livro, quantos, porém, exgottam-se e perecem contentando-se com os triumphos ephemeros de uma hora, de um dia, quando duram tanto.

Genios de hontem, quem hoje os cita? passaram no torvelinho das horas, foram-se como os dias, apagaram-se para o sempre.

Edmond Scherer, tratando de Prevost Paradol, lavrou, em palavras flagrantes, a sentença de morte dos que se sacrificam escrevendo, como escrevia Anchieta, na areia da praia, constantemente varrida pelas ondas que se succedem.

Leiam os que se iniciam nas letras as palavras do severo critico :

« L'œuvre du journaliste est essentiellement éphémère. Elle disparaît chaque jour pour renaître le lendemain. Elle se détruit elle-même comme, dans l'Océan, un flot efface un autre flot.

Elle consiste proprement dans la succession des impressions produites. Elle ne dure qu'à la condition de recommencer sans cesse, et, lorsque la main qui écrivait s'arrête, toutes ces pages, qu'elle remplissait de passion et d'éloquence, sont mortes et glacées comme elle. »

Conscios de tal verdade os chronistas, que trabalham com desvelo artistico os seus artigos impressionistas, reeditam-nos em volumes, garantindo-lhes, assim, vida mais larga.

A chronica tem, entre nós, cultores primorosos — Bilac, succedendo a Machado de Assis na columna dominical da *Gazeta*, deu paginas fulgurantes.

Paulo Barreto, um escriptor bizarro, impressionista, colorindo como um italiano e descrevendo como um pariense, occupa, isolado, a columna da chronica pittoresca.

Ninguem o iguala no retraço de um aspecto, no recorte d'uma figura, no esfumado duma silueta, nas scenas de luxo e de mise-

ria das ruas e no genero, tão em voga, dos instantaneos da reportagem.

E' um moderno e um revolucionario na imprensa porque, com o seu gesto desabrido, nervoso, quebrando os moldes acanhados da informação, fez da noticia uma acção viva, lésta, airosa ou tragica, dando diariamente, como novellas da « realidade », os episodios de mais relevo da nossa agitação urbana. Costa Rego, Oscar Lopes, Gilberto Amado, Julia Lopes, Oliveira Gomes, José do Patrocinio Filho, Sebastião Sampaio e muitos outros, dão á chronica fluminense o brilho faiscante de verdadeiras paginas litterarias.

Que differença dos antigos folhetins de espessa banalidade, salpicados a sal grosso ou escorrendo lamurias piegas em linguagem que dessorava solecismos !

Ruy Barbosa occupa o primeiro lugar entre os publicistas. Não é um escriptor ao qual se possa determinar um posto — é um genio irradiante : aonde quer que a sua penna se encaminhe o rastro será sempre fulgurante. Didacta, os seus relatorios assombram pela larguesa dos conhecimentos pedagogicos; jurista aborda todas as questões e os seus pareceres são definitivos ; politico é formidavel na tribuna e inexpugnavel no jor-

nal degladiando com armas de ouro; litterato encanta pelo estylo ora sobrio, ora caudaloso, mas sempre puro; philologo terçou galhardamente com os mestres da lingua revelando-se um vernaculista como os que mais se aferem pelos classicos. Onde iriamos se quizessemos dar toda a grandeza phenomenal do glorioso brasileiro que representará, nas idades vindouras, a pujança da nossa cultura neste seculo.

Outros cercam-no, qual no seu ramo preferido — Sylvio Romero, José Verissimo, Rodrigo Octavio, Souza Bandeira, Affonso Celso, Pedro Lessa, etc.

Na philologia o movimento tem sido grande nos ultimos tempos.

Julio Ribeiro, o erudito grammatico, deu nova direcção aos estudos, e têm-no seguido João Ribeiro, Lameira de Andrade, Fausto Barreto, Heraclito Graça, Alfredo Gomes e outros.

Na litteratura scientifica, cujo estylo era, a principio, tão descurado, ha hoje verdadeiros didactas que sobre a tela de uma fórma limpida fazem apparecer e brilhar o resultado das suas investigações.

Entre os medicos, principalmente, devem ser citados Francisco de Castro, Fajardo,

Aloysio de Castro, Miguel Couto, Austregesilo.

Ultimamente tem-se notado um pronunciado desejo de autonomia — os escriptores concentram-se na Patria, tiram os olhos dos horizontes estrangeiros, volvem á leitura dos mestres da lingua, abandonando, por momentos, os franceses, que tanto têm contribuido para a descaracterisação da nossa litteratura.

E bom é que assim seja, porque, com a grande corrente de immigração estrangeira, principalmeate para o Sul da Republica, é necessario que a lingua tenha uma defeza para que se não deixe supplantar pelo alienigenismo, desapparecendo ou apenas subsistindo em dialecto rude.

E' este um dos trabalhos que competem á Academia de Letras, nucleo dos melhores escriptores vernaculos, que se devem unir em um só pensamento, já para desenvolver o gosto pelos estudos nacionaes, já para tratar de salvar do poderoso invasor a lingua patria que é o relicario da nossa tradição e é o meio de communicação espiritual que nos foi legado.

# INDICE

## IDEAS GERAES



## LITTERATURA BRASILEIRA



TYP. AILLAUD, ALVES & Cia.

TYP. AILLAUD, ALVES & C.ia